

SPN



HISTÓRIAS QUE MARCAM A NEUROLOGIA

“Neurologia em histórias” foi o tema orientador do Fórum de Neurologia 2022, que, entre 12 e 14 de maio, promoveu a discussão científica em torno de questões médico-legais, da evolução dos tratamentos com toxina botulínica, de casos clínicos complexos, dos desafios atuais das doenças de Alzheimer e Parkinson, ou do papel dos anticorpos monoclonais em diversas doenças neurológicas. Durante o evento, esteve patente a exposição “Celebrando o 25 de Abril”, com fotografias de Eduardo Gageiro, um dos mais reconhecidos fotógrafos portugueses, que marcou presença na apresentação da exposição **P.10-14**

Alguns oradores e moderadores do Fórum de Neurologia 2022: À frente – Dr. Miguel Rodrigues, Prof. Rui Araújo, Dr.ª Isabel Luzeiro, Dr.ª Helena Gens e Dr. Filipe Palavra (direção da SPN). 2.ª fila – Dr.ª Ana Morgadinho, Dr.ª Catarina Bernardes, Dr.ª Isabel Fineza e Prof.ª Ana Verdelho. 3.ª fila – Dr. Luís Negrão, Dr.ª Elsa Parreira, Prof.ª Maria José Sá e Dr. Carlos Andrade. 4.ª fila – Dr. André Leitão, Dr.ª Catarina Fernandes, Dr.ª Marina Magalhães e Dr. José Vale. 5.ª fila – Dr.ª Almerinda Rodrigues, Dr. Gustavo Cordeiro, Dr. Pedro Faustino e Dr.ª Sofia Reimão.

INTERDISCIPLINARIDADE EM NEUROLOGIA

Está iniciada a contagem decrescente para a maior reunião anual da SPN, que se realizará de 16 a 19 de novembro, em Aveiro. “Interdisciplinaridade em Neurologia” é o mote do programa científico, que conta com preleções de especialistas nacionais e internacionais de diversas áreas da Medicina. Os cursos pré-congresso de coma neurológico, de Genética em Neurologia e de aspetos fundamentais da epilepsia no adulto fazem parte das novidades desta edição **P.16-17**



CONGRESSO
NACIONAL DE

NEUROLOGIA

ATUALIZAÇÃO PARA OS MAIS JOVENS

Os principais motivos que levam os doentes à consulta de Neurologia e a neuro-oncologia são os grandes temas do NeuroCampus 2022, a decorrer nos dias 7 e 8 de outubro, no AC Hotel Porto. Além da atualização científica, o convívio entre pares é também importante nesta reunião dirigida a internos e jovens especialistas de Neurologia **P.18**

NEURO CAMPUS

3.ª EDIÇÃO

PUBLICIDADE

 **NOVARTIS** | Reimagining Medicine

Sumário

ATUALIZAR | Notícias

4. Prof.^a Catarina Resende de Oliveira distinguida com a Medalha Albert Struyvenberg, a mais alta condecoração da Sociedade Europeia de Investigação Clínica
4. Antevisão do 26.º Congresso Europeu de Neurosonologia, que decorre em Lisboa, de 14 a 16 de outubro

ESCUTAR | Entrevista

6. Vivências e registos únicos de Eduardo Gageiro, um dos fotojornalistas portugueses mais reconhecidos e premiados nacional e internacionalmente

EXPLORAR | Reportagem

8. Novo alento na Unidade de Neurologia do Centro Hospitalar Barreiro-Montijo

REUNIR | Eventos

10. Resumo do Fórum de Neurologia 2022
16. O que esperar do Congresso de Neurologia 2022 (16 a 19 de novembro, Aveiro)
18. Destaques do programa do NeuroCampus 2022 (7 e 8 de outubro, Porto)
20. Balanço da 36.ª Reunião do Grupo de Estudos de Envelhecimento Cerebral e Demência
23. Participação nacional no 8.º Congresso da European Academy of Neurology
24. Cobertura da Reunião de Primavera da Sociedade Portuguesa de Cefaleias e do 1.º Headache Teasers
26. Celebração do 200.º aniversário da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa

REGORDAR | História da Neurologia

28. O contributo fundamental de dois portugueses (Egas Moniz e Reynaldo dos Santos) para o desenvolvimento da angiografia

PERSONIFICAR | Perfil

30. A faceta humanitária da Dr.^a Joana Lopes, que, entre outras ações, empresta a sua voz a audiolivros dirigidos a invisuais

Desenvolver a Neurologia através da interdisciplinaridade



DIREÇÃO DA SPN: Dr. Miguel Rodrigues (tesoureiro), Prof. Rui Araújo (vice-presidente), Dr.^a Isabel Luzeiro (presidente), Dr. Filipe Palavra (vice-presidente e secretário-geral) e Dr.^a Helena Gens (vice-presidente).

O exercício da Neurologia clínica abrange uma área muito vasta de conhecimento, em que a interdisciplinaridade é fundamental, pois dela resulta a integração de diferentes saberes, que visam a projeção num corpo de conhecimento ainda maior, sempre com a motivação de poder prestar os melhores cuidados às pessoas com doença neurológica.

Definida como a qualidade daquilo que se realiza com a cooperação de várias disciplinas, o conceito de interdisciplinaridade foi cunhado pelo sociólogo Louis Wirtz e publicado, pela primeira vez, em 1937. Em 1970, Jean Piaget elevou este conceito à “interação máxima entre as disciplinas, mas respeitando a sua individualidade”, o que resultou na metamorfose em transdisciplinaridade.

É precisamente a disponibilidade para a abertura e colaboração que pretendemos destacar no Congresso de Neurologia 2022, entre 16 e 19 de novembro, trazendo para a ribalta as áreas de fronteira com a Neurologia, não somente no domínio clínico, mas também a nível académico e tecnológico.

Têm-se registado importantes avanços no conhecimento científico, com implicações muito concretas na forma como conduzimos a marcha diagnóstica ou implementamos um plano terapêutico em muitas doenças do sistema nervoso. Mas os avanços implicam, muitas vezes, a parceria efetiva com outras disciplinas, que, no congresso da SPN deste ano, pretendemos aproximar.

O esforço despendido isoladamente pode projetar-nos mais depressa, mas é o trabalho coletivo que nos faz chegar mais longe e de forma muito mais robusta. **Este será o Congresso do trabalho de equipa e do caminho partilhado. Encontramo-nos em Aveiro, entre os dias 16 e 19 de novembro!**

Pela direção da SPN,

Isabel Luzeiro

Presidente

Ficha Técnica



Depósito legal n.º 338824/12



Propriedade:
Sociedade Portuguesa de Neurologia
Travessa Álvaro Castelões, n.º 79, 2.º andar,
sala 9, 4450-044 Matosinhos
Tlm.: (+351) 933 205 202
Secretariado: NorahsEvents, Lda.
Tlf.: (+351) 220 164 206
www.spneurologia.com



Publicação isenta de registo na ERC, ao abrigo do Decreto Regulamentar n.º 8/99, de 6 de junho, artigo 12.º, 1.ª alínea

Edição: **Esfera das Ideias, Lda.**
Rua Eng.º Fernando Vicente Mendes, n.º 3F (1.º andar), 1600-880 Lisboa
Tlf.: (+351) 219 172 815 / (+351) 218 155 107 • geral@esferadasideias.pt
www.esferadasideias.pt • @issuu.com/esferadasideias01
Direção de projetos: Madalena Barbosa (mbarbosa@esferadasideias.pt) e Ricardo Pereira (rpereira@esferadasideias.pt)
Textos: Madalena Barbosa, Marta Carreiro e Pedro Bastos Reis
Colaborações: Andreia Jesus, Rui Alexandre Coelho e Teresa Carvalho
Design/Web: Herberto Santos e Ricardo Pedro
Fotografias: Mário Pereira, Pedro Gomes Almeida e Rui Santos Jorge

Patrocinadores desta edição:



Catarina Resende de Oliveira recebe mais alta condecoração da Sociedade Europeia de Investigação Clínica



Dr. Paulo Oliveira (anterior presidente da ESCI e vice-presidente do CNC-UC), Prof.ª Voahanginirina Randriamboavonjy (nova presidente da ESCI) e Prof.ª Catarina Resende de Oliveira após a cerimónia de entrega da medalha

A Prof.ª Catarina Resende de Oliveira, neurologista, investigadora principal e ex-presidente do Centro de Neurociências e Biologia Celular da Universidade de Coimbra (CNC-UC), foi galeada com a Medalha Albert Struyvenberg, a mais importante condecoração da European Society for Clinical Investigation (ESCI). A medalha foi entregue

durante o 56.º Congresso desta sociedade europeia, que decorreu em Bari, Itália, entre os dias 8 e 10 de junho passado, e teve como objetivo reconhecer a relevância da carreira de Catarina Resende de Oliveira na área das Neurociências.

“Apesar de ser um prémio de carreira, partilh-o com todos os jovens investigadores e com os meus alunos, com quem tenho tido o privilégio de desenvolver investigação fundamental vocacionada para os mecanismos de doença e inflamação de biomarcadores das doenças neurodegenerativas”, salienta a professora catedrática da Universidade de Coimbra, que admite ter ficado “surpreendida”, mas também muito satisfeita, com a condecoração. “É evidente que é compensador quando o nosso trabalho na tentativa de mitigar o sofrimento dos outros e contribuir para o avanço do conhecimento científico é reconhecido”, reitera a também presidente da Agência de Investigação Clínica e Inovação Biomédica.

A Medalha Albert Struyvenberg foi criada em 1967. Todos os anos, o conselho diretivo da ESCI distingue um investigador com base na importância do trabalho desenvolvido nas áreas de educação, investigação e aplicabilidade clínica. Este ano, a atribuição da medalha decorreu numa cerimónia que contou com a presença da nova presidente da ESCI, a Prof.ª Voahanginirina Randriamboavonjy,

que destacou o papel de Catarina Resende de Oliveira nas três vertentes referidas.

Por seu turno, a neurologista e investigadora portuguesa fez uma breve apresentação com um resumo da sua carreira. “Tenho centrado a minha investigação na área das Neurociências, sobretudo na subárea das doenças degenerativas, particularmente a doença de Alzheimer”, sintetiza Catarina Resende de Oliveira, destacando os avanços em termos de biomarcadores – de imagem e moleculares –, que permitem um “diagnóstico cada vez mais precoce e preciso destas doenças”, e na identificação de potenciais alvos terapêuticos. “O diagnóstico e a atuação precoces darão, de certeza, frutos no futuro”, assegura.

Importa ainda referir que Catarina Resende de Oliveira foi a primeira mulher a receber a Medalha Albert Struyvenberg desde que esta condecoração foi instituída, há 55 anos. **Pedro Bastos Reis**



Saiba mais sobre a atribuição da Medalha Albert Struyvenberg da ESCI à Prof.ª Catarina Resende de Oliveira



Lisboa acolhe congresso europeu de neurosonologia

A 26.ª conferência da European Society of Neurosonology and Cerebral Hemodynamics (ESNCH) realiza-se entre os dias 14 e 16 de outubro, no

ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. Com chancela da Sociedade Portuguesa de Neurosonologia (SPNS), antevê-se um congresso de elevada qualidade científica, com a participação dos grandes especialistas ao nível mundial desta área. “Quando nos candidatámos para a direção da SPNS, definimos como um dos objetivos a organização de um congresso europeu. Concorremos e tivemos a sorte e o mérito de ser escolhidos”, sublinha o Prof. João Sargento Freitas, presidente da SPNS e *chair* do evento.

O primeiro dia da reunião será dedicado a seis cursos formativos: conceitos fundamentais da avaliação extracraniana; ferramentas de monitorização transcranial; distúrbios neuromusculares;

conceitos fundamentais na avaliação intracraniana; procedimentos guiados por ultrassonografia; e principais aspetos da ultrassonografia na Neurologia. Conforme explica **João Sargento Freitas**, os cursos vão abordar as “técnicas básicas e avançadas para realização da neurosonologia”, com uma forte componente prática.

“Inicialmente, serão transmitidos os conhecimentos essenciais teóricos para interpretar os exames. Em seguida, os formandos poderão praticar os exames, tutorados pelos principais especialistas da área. Será uma oportunidade única”, salienta o também coordenador da Unidade de AVC do Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra.

Os restantes dois dias terão como foco principal a divulgação científica, abrangendo todas as áreas da neurosonologia. Do programa, o *chair* destaca a abordagem ao acidente vascular cerebral agudo (numa sessão conjunta com a European Stroke

Organisation), a mesa-redonda sobre translação em neurosonologia e a sessão sobre gânglios da base e patologias neuromusculares e desmielinizantes, em parceria com a European Academy of Neurology. Durante o evento, os participantes poderão ainda candidatar-se para o exame de certificação internacional da ESNCH.

“É uma certificação com validade para o nosso reconhecimento científico internacional e de valor inestimável, que permite a identificação como neurosonologista diferenciado”, concretiza João Sargento Freitas.

Esta é a terceira vez que Portugal organiza este congresso da ESNCH. A primeira, em 2001, teve como *chair* o Prof. Vítor Oliveira, enquanto a segunda, em 2013, foi coordenada pela Prof.ª Elsa Azevedo. Ambos são *co-chairs* da edição de 2022 e, segundo João Sargento Freitas, estão a dar “um contributo essencial para a organização do evento”. **Pedro Bastos Reis**



MERCK

“O 25 de Abril de 1974 foi o dia mais marcante da minha vida”

Durante a Revolução dos Cravos, esteve ao lado de Salgueiro Maia para fotografar a chegada da “Liberdade”. Antes, teve a audácia de fotografar o “Portugal real”, o que lhe valeu a detenção pela PIDE. Com centenas de prémios, incluindo uma medalha de ouro do World Press Photo, Eduardo Gageiro é uma referência do fotojornalismo português (e não só). No passado mês de maio, participou no Fórum de Neurologia, em Lisboa, no âmbito da exposição “Celebrando o 25 de Abril”, com fotografias da sua autoria pertencentes à coleção do Dr. Luís Negrão, neurologista em Coimbra. Pretexto para esta entrevista com um emblemático fotógrafo e exímio contador de histórias.

Pedro Bastos Reis

Quando teve contacto com uma máquina fotográfica pela primeira vez?

Na fábrica de loiça de Sacavém. Quando terminei a 4.ª classe, quis ir para o liceu, mas o meu pai mandou-me trabalhar na fábrica, onde comecei aos 12 anos. No início, andava pelas secções a distribuir papéis, mas, passado pouco tempo, comecei a lidar mais intensamente com os operários e os artistas (pintores, escultores...). Comecei a gostar do que via e a levar uma máquina fotográfica para registar.

Como conseguiu essa máquina fotográfica?

Era do meu irmão, uma Kodak pequena, de plástico e sem qualidade, que lhe tinha sido oferecida por um tio. Comecei a tirar fotografias e os artistas queriam vê-las. Lembro-me especialmente do escultor Armando Mesquita, que me disse: “Ouve lá, tu tens jeito, mas não percebes nada de fotografia, e com essa máquina não vais lá!” Todos os dias, eu ia ao atelier dele para aprender arte e composição. As minhas fotografias começaram a ficar melhores e ele foi falar com o meu pai: “Oh Sr. Gageiro, não

tem vergonha de o seu filho andar a fotografar com uma máquina dessas? Faça o favor de lhe comprar uma máquina à altura!” O meu pai ficou muito envergonhado [risos].

O “empurrão” do escultor funcionou? O seu pai comprou-lhe uma máquina nova?

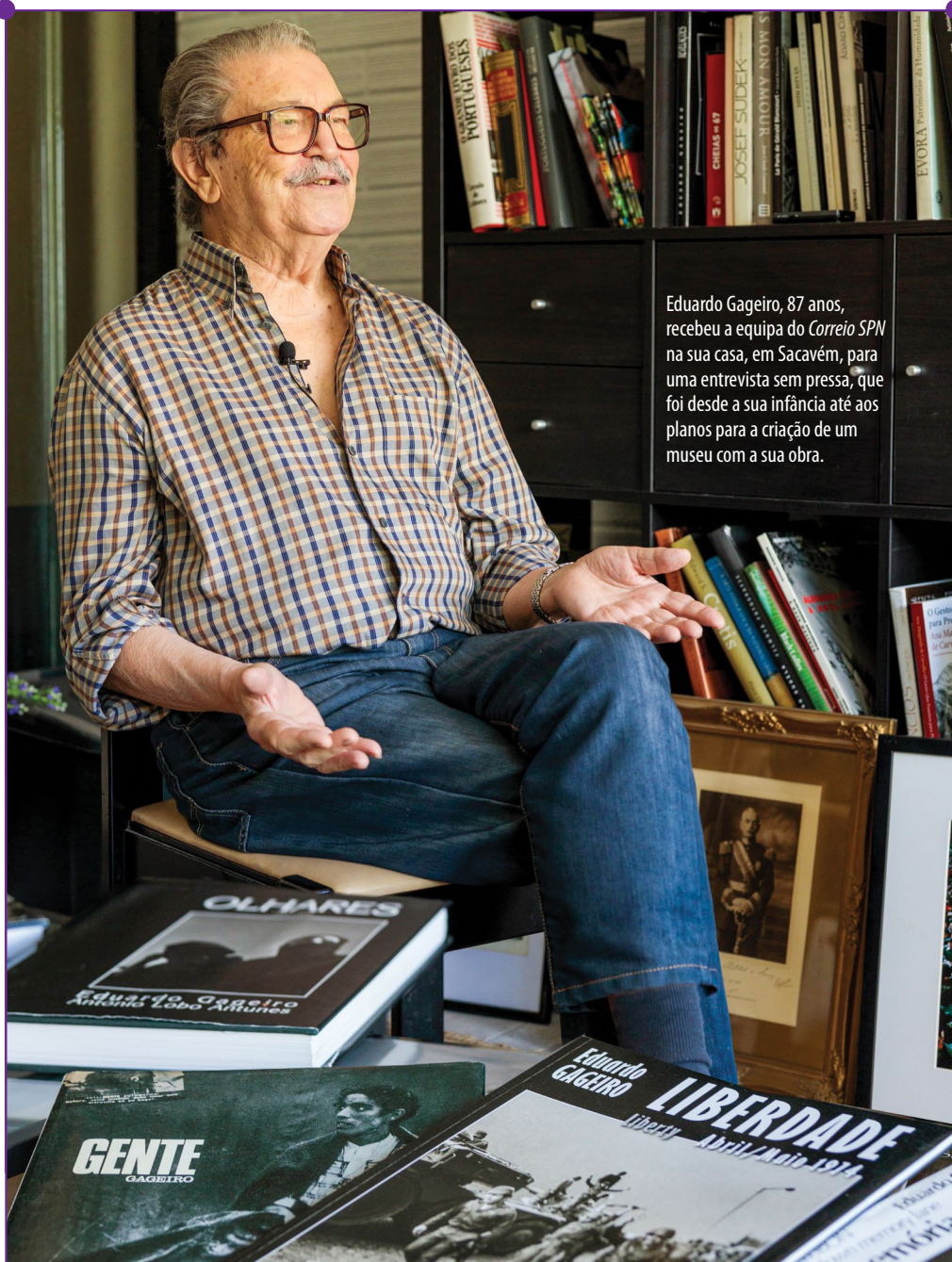
O meu pai disse-me: “Vai lá saber quanto custa uma máquina.” Então, eu fui ao J.C. Alvarez, na Rua Augusta, em Lisboa. Perguntei quanto custava, mas o Amadeu Ferrari, um dos donos da loja, disse-me para levar uma Rolleicord, que podia pagar depois. Como é que eles confiaram uma máquina, que, na altura, custava uns bons contos de réis, a um miúdo? Fico muito comovido quando falo disto! Depois, experimentei a máquina com o Armando Mesquita, tirei-lhe várias fotografias a esculpir e a fumar cachimbo. As fotografias ficaram giras e decidi concorrer a concursos. Surpreendentemente, ganhei dois primeiros prémios e dois segundos prémios. Fiquei deslumbrado!

Foi então que começou a publicar fotografias nos jornais?

Os prémios incutiram-me um entusiasmo para colaborar em revistas e jornais, mas entrar para as redações era impensável, aquilo era uma máfia! Um dia, estive num jantar com um grupo de diretores de jornais e pedi-lhes para colaborar. O Jorge Tavares Rodrigues, que era diretor do *Diário Ilustrado*, disse-me: “Apareça lá e leve umas fotografias para eu ver.” Tinha 19 anos e fiquei deslumbrado, embora nervoso. Chegado à redação com a minha Rolleicord, aparece um tipo, com cara de poucos amigos, que me diz: “Tu vais é para o laboratório revelar as minhas fotografias, porque aqui quem manda sou eu!”

Ficou desanimado?

Fiquei tristíssimo! Pensei vir-me embora e regressar à fábrica de loiça, porque não aguentava ser maltratado. Só que, um dia, pediram-me para ir à redação e levar a máquina. O *Diário Ilustrado* tinha um suplemento literário e era para fotografar uma entrevista ao Mário Dionísio. Tirei várias fotografias, mandei para a redação e fui chamado pelo diretor, que me



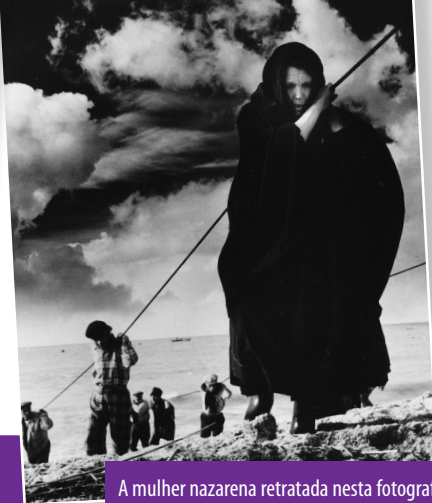
Eduardo Gageiro, 87 anos, recebeu a equipa do *Correio SPN* na sua casa, em Sacavém, para uma entrevista sem pressa, que foi desde a sua infância até aos planos para a criação de um museu com a sua obra.



Destques em vídeo da enriquecedora conversa com Eduardo Gageiro



Numa viagem para Trás-os-Montes, em dia de neblina, Eduardo Gageiro ficou “hipnotizado” pelos olhos de Elsa, que estava à beira da estrada. Parou o carro e tirou uma fotografia que correu o mundo. A criança vivia numa casa de pedra, em grandes dificuldades. Depois de ver a fotografia e conhecer a sua história, uma mulher de famílias abastadas decidiu ajudar Elsa, levando-a para Luanda, onde, anos mais tarde, acabou por casar com o filho dessa mulher de apelido Mendia.



A mulher nazarena retratada nesta fotografia de 1962, que foi capa do *Século Ilustrado*, simbolizava a miséria do “Portugal real”. Este registo ganhou vários prémios e foi um dos que contribuiu para a detenção de Eduardo Gageiro pela PIDE.



Nos Jogos Olímpicos de 1972, em Munique, misturando-se entre os atletas, Eduardo Gageiro subiu ao 16.º andar, onde estava a comitiva portuguesa, e, com luzes apagadas e sem *flash*, conseguiu fotografar o momento em que os atletas israelitas foram levados de helicóptero por terroristas palestinianos. Foi o único fotógrafo a conseguir captar o momento.

disse: “Tu tens olho e fazes fotografias diferentes. Vais passar a ser o fotógrafo do suplemento literário.” E assim foi. Entretanto, continuei a enviar fotografias para concursos e a ganhar prémios. Cheguei a ter uma fotografia na capa do *Século Ilustrado*. Os outros fotógrafos começaram a ter ciúmes e diziam que eu só ganhava prémios com fotografias de “meninos ranhosos”.

☉ Nessa altura, Portugal vivia em ditadura. Sentia vontade de mostrar a miséria que se vivia no país?

No *Diário Ilustrado* e no *Século Ilustrado*, para onde fui depois, comecei a fotografar o Portugal real – as manifestações que eram desfeitas violentamente, as aldeias de Trás-os-Montes ou do Alentejo... Nessa altura, já colaborava com a Associated Press. Em situações mais violentas, levava a Rolleicord ao nível da barriga, tirava quatro ou cinco fotografias e punha o rolo imediatamente no bolso.

☉ Não o revistavam?

Não, até ao dia em que fui preso. Vieram a Sacavém às seis da manhã e levaram-me para Caxias. Fiquei muito desmoralizado e a ânsia de liberdade tornava-se mais premente. Nervosíssimo, passei a olhar para uma parede branca, profundamente traumatizado, mas nunca confessei nada. Aquilo afetou-me tanto que, durante anos, não podia estar em nenhum sítio virado para uma parede. Ao fim de dois ou três meses, fui ouvido na sede da PIDE e libertado, mas a pensar que, mais tarde ou mais cedo, voltaria para lá. Durante dois anos, não mandei fotografias para lado nenhum.

Para Eduardo Gageiro, esta é a sua fotografia que melhor define a Revolução do 25 de Abril, retratando o momento em que a Cavalaria 7 adere ao Movimento das Forças Armadas. “Salgueiro Maia [à esquerda] está a morder o lábio para não chorar de alegria. Foi o momento decisivo do 25 de Abril”, explica. O fotógrafo escolheu esta imagem para a capa do seu livro *Liberdade*.



☉ Porque foi libertado tão rapidamente?

O então ministro dos Negócios Estrangeiros, Rui Patrício, tinha, periodicamente, almoços com os correspondentes da imprensa estrangeira para falar do Portugal marcelista. Os jornalistas combinaram entre si perguntar porque é que eu estava preso e o ministro mandou averiguar. Foi isso que fez com que me ouvissem e libertassem. Se não, teria ficado preso muito mais tempo.

☉ Anos depois, dá-se a Revolução do 25 de Abril de 1974. Foi o momento mais marcante da sua vida?

De longe! O 25 de Abril de 1974 foi o dia mais marcante da minha vida. Eu era um revoltado interiormente e a minha forma de manifestação era tirar fotografias, mandar para o estrangeiro e colaborar com várias publicações, algumas clandestinamente.

☉ Como foi fotografar a revolução pela liberdade?

No dia 25 de Abril, ligaram-me às seis e tal da manhã pessoas muito politizadas do jornal *Século* e disseram-me: “Vai ao Terreiro do Paço que hoje é que é!” Quando lá cheguei, não me deixavam entrar. Então, disse com voz grossa para um soldado: “Levame ao comandante que eu sou amigo dele.” Menti, não sabia quem era o comandante, mas o soldado lá me levou até ao Salgueiro Maia, que me disse: “Eu sei quem você é. Compro todas as semanas o *Século Ilustrado* e conheço as suas fotografias.” Eram sete horas e fui o primeiro fotógrafo a lá chegar. Comecei a fotografar, encantado da vida, sempre atrás do Salgueiro Maia.

☉ O que sentiu quando percebeu que Ditadura tinha caído?

A felicidade de ser livre e viver com dignidade. O 25 de Abril de 1974 é inesquecível. Vou sempre ao desfile comemorativo na Avenida da Liberdade. Levo a máquina fotográfica e fico felicíssimo ao verificar que há pessoas que não se esqueceram e sabem que dei o corpo ao manifesto. Fico com lágrimas nos olhos e profundamente comovido.

☉ De todos os prémios que ganhou, há algum pelo qual tenha maior carinho?

Sim, a medalha de ouro no World Press Photo de 1975, por um retrato do General António de Spínola. Ganhei medalhas por esse mundo fora, com cerca de 300 prémios nacionais e



O retrato do General António de Spínola valeu uma medalha de ouro a Eduardo Gageiro no World Press Photo de 1975.

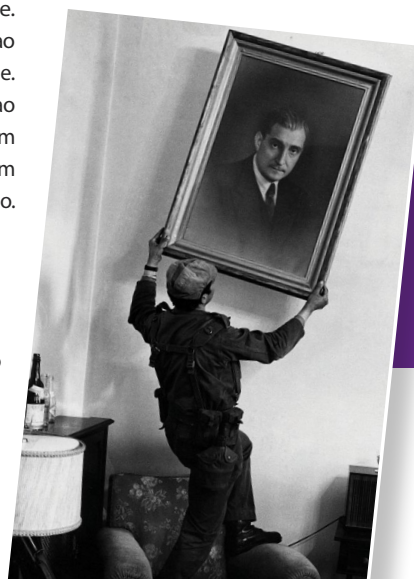
internacionais. Antes de morrer, gostaria de pôr tudo num museu, que está a ser desenvolvido em Torres Vedras. Será um museu vivo, com máquinas fotográficas, *workshops*, biblioteca com livros dos melhores fotógrafos mundiais e câmara escura à moda antiga. Gostaria muito que o museu fosse inaugurado enquanto vivo, para partir mais feliz.

☉ Além de fotógrafo, é também um contador de histórias.

Conto as histórias das fotografias e as pessoas gostam de as ouvir. Por isso, sim, sou um contador de histórias.

☉ Como gostaria de ser recordado?

Como o homem que fotografou o Portugal real. ☉



Na sede da PIDE, Eduardo Gageiro fotografou um soldado a retirar o retrato de Salazar da parede. Uma imagem que simboliza a queda da Ditadura em Portugal.



Dr.ª Fátima Campante (diretora do Departamento de Medicina e Especialidades Médicas), Dr.ª Cláudia Guarda (responsável pela Unidade de Neurologia), Dr. João Sequeira (neurologista) e Enf.ª Ana Raquel Matos

Uma equipa em renovação e crescimento

O Centro Hospitalar Barreiro Montijo (CHBM) abrange uma área com 219.455 habitantes, segundo os Censos de 2011, maioritariamente idosos, pelo que a prevalência de doenças neurológicas é elevada. Apesar desse contexto, a Unidade de Neurologia conta com apenas dois neurologistas, que enfrentam desafios diários, como foi possível constatar durante a visita do *Correio SPN*. No entanto, depois de um período mais instável, no início deste ano, chegou a nova responsável e, neste momento, encontram-se abertas vagas para mais dois neurologistas. O objetivo é dinamizar e fazer crescer a Neurologia num centro hospitalar que pode proporcionar interessantes oportunidades de evolução na carreira.

Marta Carreiro

A história da Neurologia no Barreiro começou em 1973, no antigo Hospital Nossa Senhora do Rosário. “A Unidade foi fundada pelo Dr. Manuel Amaro Pereira, a quem, mais tarde, se juntaram as Dr.ªs Teresa Pereira e Zulmira Goulart, posteriores responsáveis. Alguns anos depois, chegaram as Dr.ªs Ana Sacramento e Graça Ramos”, conta a Dr.ª Cláudia Guarda, que coordena a Unidade de Neurologia do CHBM desde fevereiro de 2022. Ao longo dos anos, a equipa manteve-se sempre com poucos neurologistas.

Membro desta Unidade de Neurologia desde novembro de 2018, primeiro a contrato e, atualmente,

como prestador de serviços, o Dr. João Sequeira “seguro as rédeas” sozinho, durante quatro meses, até à chegada da Dr.ª Cláudia Guarda, a 1 de fevereiro passado. Por isso, e pelo facto de o neurologista só ter alocadas 20 horas semanais ao CHBM, foi necessário encerrar o internamento da Unidade de Neurologia e as consultas de epilepsia, acidente vascular cerebral, doenças do movimento e cefaleias, cujos doentes passaram a ser acompanhados na Consulta de Neurologia Geral. Quando há necessidade, os doentes são referenciados para o Hospital Garcia de Orta, em Almada, ou para um dos hospitais de Lisboa. Cláudia Guarda confessa que, quando pe-

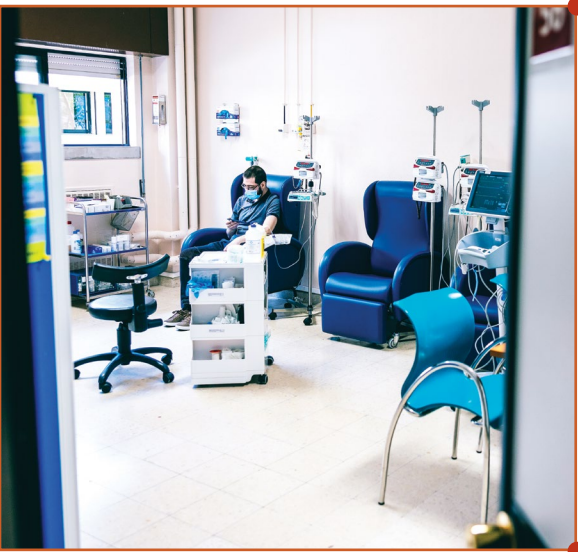
diu a mobilidade para o CHBM, cujo processo ficou parado com a pandemia, o objetivo era dinamizar a valência das demências. “Vinha para trabalhar em neurologia geral, com a possibilidade de abrir uma consulta de demências algo diferente do habitual, com mais apoio da comunidade, estreitando ligações com os centros de saúde e prestando mais auxílio aos médicos de família”, concretiza. Porém, devido à aposentação de Zulmira Goulart e Ana Sacramento e ao falecimento de Graça Ramos, deu-se a necessidade de Cláudia Guarda assumir a coordenação da Unidade de Neurologia.

Aposta na esclerose múltipla

Apesar da acentuada escassez de neurologistas, foi possível manter a Consulta de Esclerose Múltipla (EM), assegurada por João Sequeira, que inclusive foi o principal responsável pelo alargamento do Hospital de Dia a esta valência. “Quando aqui cheguei, a Consulta de EM já estava criada, à semelhança do que acontece noutros centros hospitalares”, admite o neurologista, que também exerce no Centro Hospitalar Universitário de Lisboa Central. Ao que acrescenta: “No entanto, tentámos desenvolver mais esta área. Aos poucos, conseguimos disponibilizar quase todos os fármacos que hoje em dia se utilizam no tratamento da doença e criar o Hospital de Dia de EM.”



O atual edifício do Centro Hospitalar Barreiro Montijo/Hospital Nossa Senhora do Rosário foi inaugurado em 1985, possibilitando a inclusão de um maior número de especialidades



No Hospital de Dia de Neurologia e Esclerose Múltipla, realizam-se, sobretudo, procedimentos de investigação etiológica de doenças neurológicas, nomeadamente punção lombar, e tratamentos de administração endovenosa ou subcutânea

O espaço foi criado com a colaboração da equipa de Enfermagem e, neste momento, as enfermeiras Ana Raquel Matos e Nélia Picado são as que prestam maior apoio aos doentes neurológicos. No Hospital de Dia de EM realizam-se procedimentos de investigação etiológica, nomeadamente a punção lombar, e tratamentos com corticoides em altas doses e outros mais recentes, que requerem perfusões endovenosas ou administração subcutânea.

Independentemente dos percalços que foram surgindo, João Sequeira acredita que a Unidade de Neurologia do CHBM “tem grande potencial, sobretudo pela oportunidade de desenvolver projetos em diferentes áreas de interesse”. E especifica: “Atualmente, somos consultores das restantes enfermarias do hospital, mantendo a consulta externa e um apoio pontual ao Serviço de Urgência. No entanto, conseguindo cativar mais neurologistas, temos muitas possibilidades de crescimento.”

Prioridade ao desenvolvimento da Neurologia

A Dr.ª Fátima Campante, diretora do Departamento de Medicina e Especialidades Médicas, no qual se insere a Unidade de Neurologia, reconhece que “esta é uma especialidade muito importante em qualquer hospital”. Por esse motivo, apesar dos contratempos que foram surgindo, que inclusive levaram a ponderar a “possibilidade de encerrar a valência de Neurologia”, a assistente graduada sénior de Medicina Interna tomou como uma das prioridades o reforço desta especialidade. “A vinda da Dr.ª Cláudia Guarda para o nosso centro hospitalar foi uma mais-valia, pois só tínhamos o Dr. João Sequeira, que, estando sozinho e a meio tempo, não conseguia dar resposta a todo o trabalho.”

Segundo Fátima Campante, a Medicina, de um modo geral, “é uma profissão de equipa, sendo essencial trabalhar em grupo”. “Espero que a dinâmica e o empreendedorismo que a Dr.ª Cláudia trouxe nos ajudem a cativar novos neurologistas. Este é um centro hospitalar que oferece bastantes oportunidades de carreira, pelo que tenho muita esperança de que a Neurologia se desenvolva como é nossa vontade”, afirma a diretora do Departamento de Medicina e Especialidades Médicas.



A enfermeira Ana Raquel Matos a preparar e a administrar um tratamento de pulsoterapia com metilprednisolona num doente com esclerose múltipla

Suporte fundamental da Enfermagem

Cláudia Guarda e João Sequeira destacam “o importante apoio da equipa de Enfermagem em todos os processos”. A enfermeira Ana Raquel Matos trabalha no Hospital de Dia do Serviço de Neurologia desde 2013, quando ainda era uma unidade polivalente que incluía a Infeciologia e tratamentos para doenças autoimunes.

“Hoje em dia, prestamos cuidados a todos os doentes neurológicos, sendo que grande parte da nossa atividade diária está alocada à EM. Administramos as terapêuticas necessárias, sejam endovenosas ou subcutâneas. Também realizamos ensinamentos de terapêuticas, para que os doentes possam ser autónomos em ambulatório. Além disso, executamos exames de diagnóstico com punções lombares e colheitas de sangue, prestamos apoio à família e ao doente, fazendo a ponte com os médicos, de modo a reduzir o número de idas ao Serviço de Urgência”, resume Ana Raquel Matos

Um objetivo para breve prazo é a criação de consultas de Enfermagem específicas para diferentes áreas da Neurologia. “O nosso apoio aos doentes neurológicos e suas famílias é muito importante, pois muitos deles têm restrições na condição física. É fundamental conhecermos o doente e a sua estrutura familiar, para aplicarmos a abordagem mais adequada às suas necessidades e podermos transmitir aos médicos toda a informação que possa facilitar a consulta”, afirma a enfermeira.

Novas medidas e projetos futuros

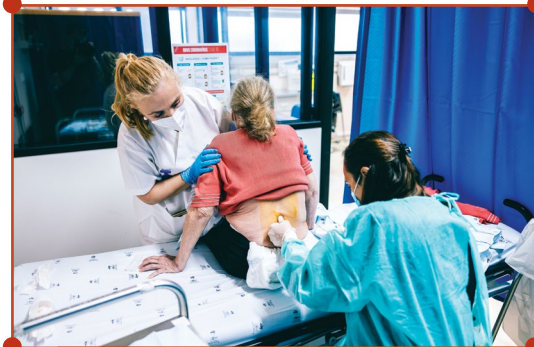
A falta de recursos humanos levou também a que a Unidade de Neurologia do CHBM se visse “obrigada” a encerrar as referências provenientes dos cuidados de saúde primários (CSP). “Quando cá cheguei, deparei-me com uma lista de espera de quase dois anos, com cerca de 900 doentes, entre internos e externos ao hospital”, revela Cláudia Guarda. No entanto, neste momento, já está tudo otimizado para que, a partir de setembro, já não exista lista de espera e seja possível reabrir a referência aos CSP. Para isso, entre outras medidas, foram criados critérios de referência à consulta de Neurologia. “Se os doentes já tiverem realizado investigações básicas para excluir, logo à partida, outras situações, a referência à Neurologia será mais acertada, com um diagnóstico expectável, rentabilizando o tempo da consulta”, exemplifica a neurologista.

Outra medida adotada este ano foi a criação de um e-mail específico para o secretariado do Hospital de Dia, “permitindo o contacto direto dos doentes com os enfermeiros e médicos para obtenção de receitas e esclarecimento de dúvidas”, indica Cláudia

Guarda. Na área da neurofisiologia, a Unidade contava com o Dr. Pedro Pereira para a realização de eletromiografias. Este ano, foi possível dispor de eletroencefalografia para o internamento, através de prestador externo (Dr. Alberto Leal), para além dos pedidos em ambulatório.

Há ainda outros projetos que a responsável pretende concretizar num futuro próximo, como aumentar o apoio da Unidade de Neurologia à formação de médicos dos CSP, visando “a melhoria do diagnóstico e a otimização das referências para os cuidados hospitalares”. Por outro lado, a equipa de Neurologia quer reforçar a formação para os internos do CHBM sobre o exame neurológico e as principais patologias desta área.

A Unidade de Neurologia tem ainda a intenção de vir a receber internos da especialidade para formação no CHBM. “Ideias não nos faltam, mas, neste momento, é essencial conseguirmos aumentar a equipa. Temos duas vagas abertas em concurso para neurologistas, uma de mobilidade e outra para um novo especialista, que esperamos que sejam preenchidas”, conclui Cláudia Guarda.



A Dr.ª Cláudia Guarda, auxiliada pela Enf.ª Ana Raquel Matos, realiza uma punção lombar para estudo dos biomarcadores no líquido e possível diagnóstico de doença de Alzheimer



Momentos da visita do *Correio SPN* à Unidade de Neurologia do Centro Hospitalar Barreiro Montijo, com destaques das entrevistas em vídeo

Atualização e partilha de conhecimentos através de histórias

“Neurologia em histórias” foi o mote do Fórum de Neurologia 2022, que decorreu entre 12 e 14 de maio, em Lisboa. O evento ficou marcado pela discussão através de histórias, tendo sido focados temas como a abordagem a assuntos médico-legais, a evolução da utilização da toxina botulínica e casos clínicos complexos. Outros *hot-topics* da Neurologia, como os desafios nas doenças de Alzheimer e Parkinson, ou a utilização dos anticorpos monoclonais (mAb, na sigla em inglês) como terapêutica de diversas doenças de foro neurológico estiveram também em destaque. A par da discussão científica, viveram-se momentos de convívio entre os participantes.

Marta Carreiro e Pedro Bastos Reis



Sessão “Histórias legais” (da esq. para a dta.): Dr.ª Marina Magalhães, Dr. Filipe Palavra, Prof.ª Maria do Céu Machado, Dr.ª Fátima Carvalho, Dr.ª Almerinda Rodrigues, Dr.ª Isabel Luzeiro e Prof. José Manuel Silva (moderadores) e Dr. Joaquim Gomes

O primeiro dia do evento foi dedicado à discussão de assuntos médico-legais, uma das principais novidades desta edição. Uma escolha que, conforme explica a Dr.ª Isabel Luzeiro, se deveu à “falta de formação nesta esfera, tanto no ensino pré-graduado como no internato”. Por outro lado, acrescenta a presidente da SPN, existe um grande desconhecimento nesta área, “que se pode justificar pelo escasso número de participações até um passado muito recente”.

Procurando mitigar esse desconhecimento, a também neurologista no Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra (CHUC) e presidente do Conselho Disciplinar da Secção Regional do Centro da Ordem dos Médicos (OM) afirma que a direção da SPN se empenhou em organizar uma sessão que permitisse “chamar a atenção para os aspetos mais básicos, visando prevenir acusações e sanções aos médicos por práticas do seu dia-a-dia”.

A interface com a OM foi um dos temas abordados nesta sessão pela Dr.ª Fátima Carvalho, presidente do Conselho Disciplinar da Secção Regional do Norte da OM. A preleitora discorreu, particularmente, sobre a recente criação estatutária do Conselho Superior, órgão de recurso da OM, referindo que a génese desta entidade tem como objetivo “reunir um grupo de profissionais seniores, uma espécie de senadores com conhe-

cimento, clarividência, sensatez e maturidade”. Esta função exige “rapidez de resposta, logo, uma grande dedicação e disponibilidade de tempo, de modo a que as decisões aconteçam no tempo útil previsto nos estatutos: 45 dias”. O Conselho Superior e todos os órgãos executivos e disciplinares da OM têm uma “enorme importância na regulação da profissão médica, daí a necessidade de uma maior participação de todos”.

“Agora que estamos em período pré-eleitoral na OM, é muito importante que os médicos participem. Apesar de não serem cargos remunerados, o espírito de missão do médico deve passar pelo associativismo e pela participação nestes órgãos”, apela também diretora do Serviço de Cirurgia Pediátrica do Centro Hospitalar Universitário do Porto. Na sua preleção, Fátima Carvalho reforçou ainda que é fundamental os médicos estarem bem informados quanto aos estatutos e ao código deontológico da OM, para não os incumprirem inadvertidamente. “Neste momento, há cada vez mais queixas contra médicos, sendo esta uma profissão com muita exposição e que facilmente cria notícias sensacionalistas. Portanto, para bem dos médicos e dos doentes, é fundamental discutir estas questões”, salientou.

Por seu turno, a Prof.ª Maria do Céu Machado, presidente do Conselho Disciplinar da Secção

Regional do Sul da OM, falou sobre a importância dos registos clínicos. Segundo a professora catedrática de Pediatria na Faculdade de Medicina de Lisboa, estes “sempre foram importantes, porém, atualmente, a maior parte dos hospitais e outras instituições de saúde têm registos informatizados, o que torna o acesso mais fácil”. Contudo, o cuidado na sua realização continua a ser essencial. “O meu objetivo foi mostrar o que é um registo adequado, legível, com assinatura e observação mínima que deve ser feito a propósito da queixa do doente, contemplando também a sua história”, resume a oradora.

Para Maria do Céu Machado, “o registo é tão importante quanto tratar os doentes, pois é através dele que se percebe exatamente o que o médico entendeu da queixa, o diagnóstico que fez e o que prescreveu”. “Temos de garantir que ouvimos o doente e a família e registamos o essencial. Porque isso constitui prova perante um tribunal ou conselho disciplinar”, remata.

Sigilo médico e penas disciplinares

Ainda no âmbito médico-legal, o Dr. Joaquim Gomes, advogado e consultor jurídico do Conselho Disciplinar da Secção Regional do Centro da OM, abordou o sigilo médico, numa apresentação conjunta com o Dr. Filipe Palavra, que se sustentou em dois casos clínicos. “Temos notado um incremento significativo de queixas e participações relativas à integridade de dados sensíveis e pessoais, o que torna o sigilo uma temática muito atual da deontologia médica”, explicou o advogado. Assim, esta problemática foi analisada no sentido de alertar os neurologistas para os cuidados a ter, nomeadamente no que se refere a comissões de ética e às circunstâncias em que determinados dados podem e devem ser acedidos.

Joaquim Gomes também interveio a respeito das penas disciplinares em vigor, consciencializando os presentes para o procedimento que tem de ser seguido. “O processo disciplinar é feito de uma forma garantística, ou seja, para evitar as perseguições arbitrárias ou os julgamentos em praça pública”, referiu o advogado. O erro médico e a perícia médico-legal em Neurologia foram os outros dois temas abordados nesta mesa-redonda, à qual se seguiu uma reunião restrita sobre acidente vascular cerebral no ensino pré-graduado da Neurologia.



Mesa-redonda "Histórias farmacológicas":

Dr.ª Isabel Luzeiro, Dr.ª Catarina Fernandes, Dr.ª Andreia Costa, Dr.ª Cristina Machado e Dr.ª Elsa Parreira (moderadoras), Dr.ª Beatriz Santiago, Dr.ª Marina Magalhães, Dr. Bruno Mendes e Dr. Diogo Carneiro

Papel da toxina botulínica

A utilização da toxina botulínica como tratamento em diversas doenças de foro neurológico esteve em destaque na mesa-redonda de histórias farmacológicas, que inaugurou o segundo dia do Fórum de Neurologia. A Dr.ª Elsa Parreira, que moderou as palestras, destaca que a sessão foi particularmente útil para mostrar a evolução desta terapêutica. "A toxina botulínica começou por ser utilizada em patologias motoras, como as distonias (blefarospasmo e hemispasmo). Mais tarde, passou a ser utilizada na espasticidade e, a partir da década de 2000, na dor", contextualiza. Atualmente, continua a neurologista no Hospital Prof. Doutor Fernando Fonseca, na Amadora, esta terapêutica tem uma "grande utilização no campo das cefaleias, nomeadamente na enxaqueca crónica, o que constitui uma inovação importante".

Para Elsa Parreira, é particularmente interessante o facto de se poder utilizar um mesmo fármaco para tratar múltiplas doenças, numa lista que tem aumentado ao longo dos anos. "A toxina botulínica tem sido particularmente útil na nevralgia do trigémeo, nos doentes que não respondem aos outros tratamentos", exemplifica a moderadora. E esclarece a importância de uma resposta terapêutica a esta doença: "Trata-se uma patologia que causa um sofrimento intenso, sobretudo em doentes com idade mais avançada e muitos riscos cirúrgicos, nos quais preferimos uma terapêutica menos invasiva."



Mesa-redonda "Histórias do passado, do presente e do futuro": Prof.ª Ana Verdelho e Dr. Rui Araújo (moderadores), Dr. Luís Valente, Dr. André Leitão e Dr.ª Rosário Zincke

Histórias complexas

Seguiu-se a mesa-redonda dedicada à apresentação de casos clínicos complexos na criança, no adolescente e no adulto. Enquanto moderadora da sessão, a Dr.ª Mónica Vasconcelos realça o caso de uma argininemia em idade pediátrica. "A criança apresentou um quadro clínico de uma paraparesia espástica. Após a investigação habitual nestes casos, que inclui exames laboratoriais, de neuroimagem, eletromiografia, entre outros, suspeitou-se deste diagnóstico", contextualiza a neuropediatra no CHUC/Hospital Pediátrico. "Esta suspeita baseou-se também no facto de se tratar de uma criança de Cabo Verde, que não tinha sido sujeita ao rastreio pré-natal (teste do pezinho). Chegou-se assim ao diagnóstico final desta doença do ciclo da ureia, que não se manifestou da forma habitual", conclui a também presidente da Sociedade Portuguesa de Neuropediatria.

No que diz respeito aos outros dois casos, o Dr. José Vale, também moderador da sessão e diretor do Serviço de Neurologia do Hospital Beatriz Ângelo, em Loures, sublinha que na sessão foram analisadas doenças particularmente raras, "com uma prevalência que muitas das pessoas presentes na sala nunca chegarão a ver". Ainda assim, o moderador destaca a importância desta sessão enquanto processo de aprendizagem, sobretudo para os neurologistas mais jovens.

"Com ponderação, consegue-se chegar ao diagnóstico final, sendo que, em alguns casos, podemos conseguir modificar o curso da doença, que é o principal desafio", sublinha José Vale. Nesse sentido, discutiram-se as melhores abordagens e a valorização de sinais na organização do raciocínio clínico. "Se o processo não for bem gerido, podem fazer-se muitos exames sem chegar a uma visão abrangente dos casos e consequente diagnóstico. E estas sessões são sempre um momento de aprendizagem", considera o neurologista.

Modelos de cuidados na doença de Alzheimer

Na sessão "Histórias do passado, do presente e do futuro", estiveram em análise modelos de cuidados na doença de Alzheimer, nomeadamente a perspetiva do cuidador, o papel da ressonância magnética e as novas abordagens diagnósticas na demência. Neste painel de discussão, coube ao Dr. André Leitão, neurologista no Centro Hospitalar Universitário Cova da Beira, explicar por que falta eficácia na abordagem a esta patologia. "A doença de Alzheimer é de enorme complexidade e ainda não conhecemos tudo sobre a forma como se desenvolve. Portanto, temos dificuldade em tratar os fatores que levam à sua progressão", começou por explicar o preletor.

Na sua apresentação, André Leitão chamou ainda a atenção para o facto de os médicos ainda "correrem atrás da doença", alertando para a necessidade de se tentar atuar mais cedo em doentes que ainda não têm quadro clínico definido, mas que já têm alterações neuropatológicas em progressão, devendo-se, por isso, apostar num diagnóstico mais precoce, auxiliado por biomarcadores. "Numa pers-



Sessão "Histórias complexas": Dr. Filipe Palavra, Dr. Pedro Faustino, Dr. José Vale e Dr.ª Mónica Vasconcelos (moderadores), Dr.ª Catarina Bernardes, Dr. Gustavo Cordeiro, Dr.ª Rita Lopes Silva e Dr.ª Margarida Ferro

petiva de prevenção, se identificarmos quais são os fatores de risco modificáveis, podemos intervir numa base populacional e tentar evitar que haja uma incidência tão grande desta doença", defendeu ainda o orador, esperançoso de que um dia esteja disponível um fármaco que permita o tratamento modificador da doença.

Recurso aos mAb na enxaqueca

Já num registo diferente, numa sessão que juntou dois entrevistadores e dois entrevistados, a Prof.ª Raquel Gil-Gouveia e o Dr. Carlos Andrade procuraram responder à questão "Que dados relevantes existem em relação aos mAb, comparando-os com as terapêuticas anteriores, na enxaqueca?". Segundo o Dr. Miguel Rodrigues, diretor do Serviço de Neurologia do Hospital Garcia de Orta, em Almada, e um dos entrevistadores da sessão, "as atenções focaram-se na eficácia destes fármacos e no que existia disponível antes da sua implementação no mercado, nomeadamente nos medicamentos orais". Para o também tesoureiro da SPN, os anticorpos monoclonais (mAb) saem vencedores "por terem um perfil de segurança muito melhor, que permite aos doentes manterem a terapêutica e atingirem bons resultados, algo que não acontecia com os fármacos anteriores, uma vez que, devido aos efeitos secundários, muitos doentes abandonavam um tratamento que não era bem tolerado".

Continua ▶



Sessão "Histórias interativas" (parte 1): Dr.ª Elsa Parreira e Dr. Miguel Rodrigues (entrevistadores), Prof.ª Raquel Gil-Gouveia (na tela) e Dr. Carlos Andrade (entrevistados)

REVOLUÇÃO DOS CRAVOS EM FOTOGRAFIAS



Outra novidade do Fórum de Neurologia 2022 foi a exposição "Celebrando o 25 de Abril", com fotografias do fotógrafo Eduardo Gageiro pertencentes à coleção privada de arte contemporânea portuguesa *Rosís Tibi*, do Dr. Luís Negrão. "O 25 de Abril de 1974 foi um dia transformador da sociedade portuguesa e um movimento político que restituiu a Portugal a liberdade que esteve ausente durante 48 anos. Esta exposição, além de ter servido para engrandecer as pessoas que lutaram por este direito, também teve o propósito de lembrar aos mais novos que aquilo que hoje temos e usufruímos teve origem neste movimento", explica Luís Negrão, neurologista no CHUC. "O Eduardo Gageiro é um fotógrafo que não só se notabilizou por este registo fotográfico, mas também noutras áreas da vida pública e política portuguesa, que hoje são parte do nosso património", acrescenta. O fotógrafo esteve presente no segundo dia do evento, partilhando algumas curiosidades sobre os "bastidores" das suas fotografias. A exposição esteve aberta aos participantes do Fórum de Neurologia durante os três dias do evento.



Durante a sessão foi apresentada uma retrospectiva dos diversos fármacos disponíveis para o tratamento da enxaqueca, debatendo-se questões como os custos económicos ou o perfil dos doentes que mais beneficiarão com as terapêuticas emergentes. "Não conseguimos curar a enxaqueca, no entanto, esperamos conseguir oferecer aos doentes um vasto leque de opções que elevem a eficácia terapêutica, com poucos efeitos secundários", afirmou Miguel Rodrigues.

NORSE: história clínica, investigação e tratamento

Na mesa-redonda de "histórias interativas", houve ainda uma sessão sobre diagnóstico, investigação e tratamento do estado de mal epilético inaugural (NORSE), na qual o Dr. Nuno Canas abordou a história clínica. "Apresentámos um caso simples, de um doente com história de epilepsia que, entretanto, entrou em estado de mal e foi internado nos

cuidados intensivos", descreve o neurologista e neurofisiologista no Hospital Beatriz Ângelo, em Loures. Ao que acrescenta: "Fizemos um estudo etiológico detalhado até chegar a um diagnóstico. Com este caso, o nosso objetivo foi chamar a atenção para a existência de uma entidade nosológica de estado de mal epilético a que temos de estar atentos para o seu diagnóstico e tratamento atempado."

Por sua vez, o Dr. Ricardo Rego ficou responsável, juntamente com a Dr.ª Rute Teotónio, por falar sobre a investigação e o tratamento do estado de mal. "Coube-me rever, sobretudo, o papel do eletroencefalograma (EEG) no diagnóstico do estado de mal não convulsivo. Revi os critérios atuais de diagnóstico das crises e do estado de mal não convulsivo. Sem como os parâmetros clínicos e eletroencefalográficos que devem aumentar o grau de suspeita dessa entidade e fazer prolongar o tempo de registo de EEG para 12, 24 ou mais horas", resume o neurologista e neurofisiologista no Centro Hospitalar Universitário de São João, no Porto, que apresentou ainda alguns exemplos concretos de EEG com critérios de estado de mal não convulsivo.

Tremor essencial e doença de Parkinson

O último dia do evento arrancou com uma mesa-redonda de debates, tendo o primeiro sido dedicado à doença de Parkinson, com o objetivo de perceber se o tremor essencial é precursor desta patologia. Segundo a Dr.ª Ana Morgadinho, moderadora da sessão, a discussão permitiu esclarecer algumas dúvidas sem, no entanto, se chegar a uma resposta definitiva. "A Dr.ª Joana Damásio defendeu o 'sim', com base em muitos estudos que têm sido publicados ao longo



Mesa-redonda "Histórias em debate" (parte 1):
Dr.ª Ana Morgadinho (moderadora), Dr.ª Joana Damásio e Prof.ª Leonor Correia Guedes

dos últimos anos e que, de facto, demonstram que há, pelo menos, um subgrupo de doentes com tremor essencial que parece ter maior risco de desenvolver doença de Parkinson, nomeadamente uma forma tremórica", esclarece a neurologista no CHUC.

"Por sua vez, a Prof.ª Leonor Correia Guedes contrapôs a tese inicialmente defendida com uma ideia simples e objetiva: como podemos defender que o tremor essencial é precursor da doença de Parkinson, sendo que estas síndromes têm prevalências tão diferentes? O tremor essencial tem uma prevalência muitíssimo mais elevada, o que parece rebater o argumento", salienta Ana Morgadinho. No final, sintetiza a moderadora, chegou-se ao consenso de que "existem alguns critérios, muitos deles clínicos, que parecem mostrar que há doentes com tremor essencial que têm maior risco de progressão para doença de Parkinson, podendo até, num mesmo doente, coexistir diferentes formas de tremor".

Continua ▶



Sessão "Histórias interativas" (parte 2):
Dr.ª Rute Teotónio, Dr. Ricardo Rego e Dr. Nuno Canas



sobi



Mesa-redonda "Histórias em debate" (parte 2): Prof.ª Maria José Sá (moderadora), Dr. Filipe Correia e Prof. João Cerqueira (no ecrã)

Esclerose múltipla e mAb

Seguiu-se o debate sobre se o tratamento da esclerose múltipla (EM) deve iniciar-se com um mAb, no qual coube ao Prof. João Cerqueira defender o "sim" e ao Dr. Filipe Correia o "não". Na sua apresentação, Filipe Correia sustentou-se nas questões de segurança e normas atuais que, no fundo, fazem com que o "não" continue a ser a resposta mais consensual. No que diz respeito à segurança, o neurologista na Unidade Local de Saúde de Matosinhos/Hospital Pedro Hispano defendeu que os riscos são, sobretudo, a médio e longo prazo. "Estamos a falar de começar com um fármaco que pode alterar significativamente o sistema imune e, com isso, causar o risco de infeções e, simultaneamente, de neoplasia", alertou. Contudo, o preletor frisou a importância dos mAb para um tratamento individualizado, uma vez que "um doente com estágio grave de EM poderá beneficiar de terapêuticas mais eficazes logo no começo, mesmo que sejam menos seguras".

Apesar de ter defendido o "não", Filipe Correia concorda com alguns argumentos que foram apresentados a favor da utilização dos mAb em primeira linha. "Temos de conseguir escolher bem os doentes que vão beneficiar do controlo de uma inflamação mais ativa graças a um fármaco mais eficaz", rematou.



Highlights em vídeo do Fórum de Neurologia 2022

Atrofia muscular espinhal

Os debates encerraram com a discussão sobre se os tratamentos para a atrofia muscular espinhal (AME) são promissores no adulto da mesma forma que na criança. O Dr. João Martins defendeu o "sim" e o Dr. Pedro Pereira o "não". "Estamos a viver uma era fantástica, como nunca antes aconteceu na Neurologia, em que temos disponíveis ferramentas, nomeadamente terapias genéticas, que vão alterar os defeitos genéticos que existem em diversas doenças e que são catastróficos", introduziu João Martins, neurologista e neurofisiologista clínico nos centros CUF Sintra, Miraflores e Coimbra. "No caso da atrofia muscular espinhal, temos três fármacos que já deram provas inequívocas de que são benéficos e que melhoram a qualidade de vida dos doentes, particularmente das crianças", concretizou.

Não existindo evidência robusta sobre a eficácia dos novos fármacos na população adulta, João Martins destacou que, "a nível patofisiológico, a AME é um *continuum*". "A única diferença é a taxa a que a doença provoca a morte neuronal dos motoneurónios, sendo responsável pela existência de formas mais ligeiras ou mais agressivas da doença", completou. "Se os fármacos provaram eficácia nos indivíduos com doença agressiva, certamente que os doentes com formas menos agressivas que chegam à idade adulta irão beneficiar, talvez ainda mais, destes tratamentos", sentenciou o neurologista.



Mesa-redonda "Histórias em debate" (parte 3): Dr. Pedro Pereira, Dr. Luís Negrão (moderador) e Dr. João Martins



Conferência "Histórias neurocientíficas": Prof.ª Isabel Pavão Martins (moderadora) e Prof.ª Manuela Grazina

Cérebro e adições

O Fórum de Neurologia 2022 encerrou com uma conferência proferida pela Prof.ª Manuela Grazina a respeito da relação entre o cérebro e as adições. De acordo com a docente na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra (FMUC), as dependências "são doenças neurodegenerativas". "Por um lado, podem alterar o funcionamento neuroquímico das estruturas cerebrais. Por outro, alteram de tal forma os circuitos que, mesmo que as estruturas ainda não estejam modificadas, podem refletir-se em alterações graves de comportamento", justificou a também investigadora e diretora do Laboratório de Biomedicina Mitocondrial e Teranóstica do Centro de Neurociências e Biologia Celular da FMUC.

Procurando apresentar uma revisão dos conhecimentos neste âmbito, a preleitora abordou quatro pontos principais, começando pela exposição de dois relatos: o de "um jovem com dependência química e outro de um jovem com dependência das plataformas digitais e videojogos, as chamadas ludopatias". A partir destes casos, Manuela Grazina discutiu as vias de recompensa e os mecanismos cerebrais subjacentes, debruçando-se no fenómeno aditivo e sustentando-se nos estudos mais recentes que mostram que "a adição química e as ludopatias partilham os mesmos mecanismos na desregulação do cérebro". "Depois, a variabilidade genética explica a vulnerabilidade para diferentes pessoas expostas terem diferentes riscos de dependência", concluiu a investigadora.

JANTARES QUE CONTAM HISTÓRIAS

O Fórum de Neurologia 2022 ficou também marcado por alegres momentos de convívio, como o "concerto" dos Drs. Filipe Palavra (na guitarra) e António Martins (no saxofone), no primeiro dia do evento, durante o jantar na Fábrica Braço de Prata. Já no final do segundo dia, jogou-se o habitual Torneio de Neurologia, um *quiz* que conjuga perguntas de cultura geral com outras de Neurologia. Numa "competição" amigável, que só se decidiu na última ronda, a equipa branca acabou por sair vencedora.



SANOFI GENZYME 

Interdisciplinaridade em destaque no Congresso de Neurologia 2022

A Sociedade Portuguesa de Neurologia (SPN) encontra-se em contagem decrescente para o seu congresso anual, que ocorrerá entre 16 e 19 de novembro, no Centro de Congressos de Aveiro e no Hotel Meliá Ria. Tendo em conta que o tema central é “Interdisciplinaridade em Neurologia”, o programa científico abrange intervenções de especialistas de diferentes áreas da Medicina. “Estará o SNS em estado de coma?”; papel dos dados de vida real nas decisões terapêuticas; saúde mental e Neurologia; hiperatividade ao longo da vida; causas raras de AVC e abordagem interdisciplinar da relação entre cognição, memória e esquecimento são alguns dos tópicos em análise.

Marta Carreiro



(coordenação da Prof.ª Carolina Lemos e do Dr. Mário Laço) e de aspetos fundamentais da epilepsia do adulto (coordenação do Prof. José Pimentel). “O coma é uma entidade neurológica que faz parte do nosso dia-a-dia, principalmente na urgência. No entanto, só com a realização de alguns exames, nomeadamente o neurológico, que é importantíssimo, se consegue discernir a sua etiologia”, sublinha a também neurologista no Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra (CHUC).

Na quarta-feira, decorrerão também o 11.º Simpósio de Enfermagem em Neurologia (coordenação da Enf.ª Berta Augusto), o Curso de Neurossonologia (coordenação do Prof. João Sargento Freitas) e a Reunião da Secção de Neurologia do Comportamento. O Fórum de Cirurgia da Epilepsia, que vai já na XXV edição, este ano muda para o segundo dia do congresso, 17 de novembro, entre as 9h00 e as 17h30.

Aspetos fundamentais da epilepsia no adulto

Segundo o **Prof. José Pimentel**, um dos principais objetivos do Curso de Aspetos Fundamentais da Epilepsia do Adulto é distinguir as crises epiléticas de diferentes causas, sistémicas e neurológicas, das crises que correspondem a epilepsia. “Prendemos apresentar uma visão geral dos problemas mais importantes com que os médicos se podem confrontar, sendo uma iniciativa formativa que se destina, essencialmente, a internos de Neurologia e neurologistas sem *expertise* em epilepsia”, explica o coordenador do curso e ex-diretor da Consulta de Epilepsia do Hospital de Santa Maria/Centro Hospitalar Universitário Lisboa Norte. A definição de epilepsia, os aspetos epidemio-

lógicos, o diagnóstico diferencial e as opções de tratamento são outros tópicos a analisar na formação. “A grande diferença entre este curso e os que organizei anteriormente é a componente de debate, que sucederá as palestras teóricas”, revela José Pimentel. Nesse sentido, “a assistência será dividida em grupos, cada qual com um tutor, que lançará um tema para debate, cujo resultado será apresentado oralmente”.

Entre os temas a lançar para debate, encontram-se: crises epiléticas provocadas e não provocadas, parassónias, crises sincopais, crises psicogénicas não epiléticas, tratamento das epilepsias generalizadas, tratamento das epilepsias



CONGRESSO NACIONAL DE
NEUROLOGIA

focais, tratamento das epilepsias com comorbilidades, epilepsia em idade fértil, implicações terapêuticas das epilepsias genéticas e epilepsia refratária com indicação cirúrgica.

Resumo do programa do congresso

Fazendo jus ao tema orientador do programa científico, o Congresso de Neurologia 2022 conta com preleções de vários especialistas de diferentes áreas da Medicina. “Cada vez mais, a Neurologia, assim como as outras especialidades, não pode nem deve atuar isoladamente. É desejável estabelecer contacto e colaborar com outras áreas para uma maior eficácia”, sublinha Isabel Luzeiro.

Depois das comunicações orais e da cerimónia de abertura do congresso, a primeira sessão do dia 17 de novembro é dedicada ao papel dos dados de vida real nas decisões terapêuticas em Neurologia. Antes do almoço, ainda haverá tempo para a sessão sobre as causas raras de acidente vascular cerebral, que vai centrar-se nas vasculites e nas doenças de pequenos vasos.



Já na parte da tarde, decorrerão a conferência sobre Egas Moniz e a sessão “Saúde, saúde mental e Neurologia”, com intervenções de uma cidadã, um psiquiatra, um neurologista e uma administradora hospitalar, que vão discutir como é possível funcionar em conjunto. De resto, tanto de manhã como de tarde, decorrerão “interessantes conversas com peritos e simpósios patrocinados que abordam temas diversos e atuais”, refere a presidente da SPN. A quinta-feira termina com o Curso de Neuroenologia (mais informação abaixo), que antecede o jantar.

O programa do dia 18 de novembro, sexta-feira, abre com uma sessão interativa de vídeos alusivos a patologias que cursam com hiperexcitabilidade, à qual se segue a sessão “Cérebro, cognição e memória”, que vai debater se o esquecimento é um aliado da memória, entre outros aspetos. Depois, na sessão “Hiperatividade ao longo da vida”, serão abordadas as implicações da perturbação de hiperatividade e défice de atenção (PHDA) na criança e no adulto, bem como o impacto dos psicoestimulantes no cérebro.

“Há doenças que começam na infância e persistem na vida adulta, mas a sua abordagem não é igual nas diferentes idades. Por isso, é importante termos uma visão global de como as doenças evoluem e que tratamentos se adequam a cada fase da vida”, comenta Isabel Luzeiro, evidenciando a necessidade de existir “mais comunicação entre a Neurologia, a Pediatria e a Gerontologia para entendimento e gestão de muitos doentes”.

Além de conversas com peritos e simpósios patrocinados, este dia inclui ainda a apresentação da exposição fotográfica “O Alentejo, o homem e a terra” (mais informação abaixo). O programa de sexta-feira termina com a Assembleia-Geral, durante a qual, além da discussão de outros temas, serão eleitos os novos corpos gerentes da SPN.

Depois das comunicações orais, o programa do último dia do congresso, 19 de novembro, arranca com a sessão “Estará o SNS em estado de coma?”. “Vamos abordar o *burnout* dos profissionais de saúde e outros assuntos atuais relacionados com o Serviço Nacional de Saúde. Um dos oradores confirmados é o Dr. Miguel Guimarães, bastonário da Ordem dos Médicos”, adianta Isabel Luzeiro.

O programa de sábado inclui ainda a conferência Fernando Lopes da Silva, o espaço da revista *Sinapse*, o balanço do último triénio apresentado pela Prof.^a Catarina Resende de Oliveira e a atribuição do Prémio *Sinapse* e das Bolsas Egas Moniz de apoio a estágios de internos de Neurologia em áreas específicas da formação. Na sessão de encerramento, serão atribuídos os Prémios António Flores e Orlando Leitão, bem como a Bolsa Nunes Vicente e a Bolsa Pereira Monteiro de Apoio à Investigação Translacional em Neurologia.

Importa referir que, em todos os dias do congresso, haverá apresentação de comunicações orais e pósteres selecionados pelas comissões técnico-científicas, bem como conversas com peritos e simpósios patrocinados sobre temas atuais.

Curso de Neuroenologia

Após o sucesso da iniciativa preliminar realizada no NeuroCampus de dezembro de 2021, o Curso de Neuroenologia vai fechar o programa do segundo dia do Congresso de Neurologia 2022. Enquanto coordenador, o **Prof. Rui Araújo** afirma que o objetivo é mostrar a relação entre a prova de vinhos e a Neurologia. “Vamos abordar questões como a anatomia e a fisiologia dos órgãos associados à perceção do cheiro e do gosto e quais as áreas do cérebro envolvidas nesse processo”, avança o vice-presidente da SPN. Também serão analisados os paralelismos que se podem estabelecer entre a Enologia e a prática clínica da Neurologia. O curso terminará com uma prova de vinhos, com o objetivo de aplicar a teoria transmitida previamente à exploração de diferentes qualidades de vinho.

De acordo com o também neurologista no Centro Hospitalar Universitário de São João, no Porto, “a neuroenologia enquanto disciplina

existe formalmente em alguns países, como em França”. No entanto, “devido aos efeitos de perda de olfato e gosto relacionados com a COVID-19, esta área tem sido mais falada”. À semelhança do que aconteceu na edição inaugural, Rui Araújo será formador neste curso em conjunto com os Drs. Ricardo Varela e Francisco Cabral, respetivamente neurologista e anestesiológista com certificação em Enologia.



Exposição fotográfica “O Alentejo, o homem e a terra”

Num âmbito mais cultural, estará patente no congresso a exposição fotográfica “O Alentejo, o homem e a terra”. Segundo o **Dr. Luís Negrão**, responsável pela organização da exposição, as fotografias selecionadas “retratam as pessoas, a sua relação com a terra e as paisagens urbana e rural do Alentejo, deixando transparecer a identidade e a singularidade desta região, bem como o seu contributo para os patrimónios cultural, artístico e gastronómico portugueses”. Trata-se de mostrar “o Alentejo puro, num conjunto de dimensões reais e abstratas, paisagísticas e humanas”, comenta o neurologista no CHUC.

A exposição incluirá 15 fotografias do fotógrafo alentejano António Cunha, que fazem parte da *Coleção Luís Negrão e Família*. O neurologista salienta a “personalidade forte e criativa de António Cunha, que tem décadas de trabalho de intervenção cultural, artística e social, não só em Portugal, mas também no estrangeiro”. Segundo Luís Negrão, trata-se de um fotógrafo que “mostra um gosto especial pela pesquisa e pela preservação, para memória futura do que existiu e aconteceu em Portugal, particularmente no Alentejo”.



Mais pormenores sobre o Congresso de Neurologia 2022 nas entrevistas em vídeo



NEURO CAMPUS
3.ª EDIÇÃO

AC HOTEL PORTO
7-8 OUTUBRO, 2022

Organização:



CIREN

Apoio:



Workshops em outpatient clinic e neuro-oncologia

A terceira edição do NeuroCampus decorre já nos próximos dias 7 e 8 de outubro, no AC Hotel Porto. A abordagem aos principais motivos de consulta de Neurologia – da síndrome vertiginosa aos sintomas urogenitais – e a neuro-oncologia são os temas que vão marcar este evento especialmente dirigido a internos e recém-especialistas em Neurologia. Para fomentar o convívio entre pares, estão também previstas atividades como um momento musical.

Marta Carreiro



As síndromes paraneoplásicas e os tumores primários do sistema nervoso central, em particular o glioma, serão dois dos tópicos abordados, seguindo-se as metástases cerebrais, uma realidade já mais próxima dos internos. “Estes são doentes que aparecem com mais frequência no Serviço de Urgência e que, muitas vezes, somos nós a fazer o primeiro diagnóstico”, explica Catarina Fernandes.

Haverá também uma apresentação relacionada com a neurotoxicidade dos tratamentos oncológicos, nomeadamente os inibidores do *checkpoint* imunitário, que se associam a diferentes tipos de complicações neurológicas. “É importante que nós, internos, estejamos alerta para chegarmos mais precocemente ao diagnóstico”, afirma Catarina Fernandes.

Inês Cunha acredita que esta edição do NeuroCampus permitirá caminhar para aquele que é o objetivo comum a todos os médicos, isto é, o “enriquecimento científico e uma melhor prestação de cuidados”, neste caso às pessoas com doenças neurológicas.

À semelhança das edições anteriores, a reunião contará com o patrocínio da Roche e a colaboração da direção da SPN na sua organização. Um evento que, sublinha a presidente da CIREN, pretende “representar um marco no percurso formativo de cada interno de Neurologia”.

Seguindo a linha das edições anteriores, o NeuroCampus 2022 apresenta um programa desenhado de acordo com as áreas temáticas que os internos e membros da Comissão de Internos e Recém-Especialistas de Neurologia (CIREN) consideram como mais carenciadas na sua formação. Nesse sentido, a Dr.ª Inês Cunha, presidente da CIREN, afirma que este é um evento que “reflete uma das principais mensagens desta comissão, que é o estreitamento da ligação dos internos à Sociedade Portuguesa de Neurologia [SPN], tornando-os membros ativos do programa de atividades”.

Esta aproximação verifica-se não só entre a SPN e os seus membros, como entre os próprios internos. “O NeuroCampus é um momento de reunião, em que podemos dialogar e melhor conhecer colegas de todos os pontos do país”, esclarece a também neurologista no Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra (CHUC).

Olhando para o programa científico desta edição, em particular para o espaço dedicado à abordagem dos principais motivos que levam à consulta de Neurologia, Inês Cunha afirma que será o tópico mais extenso de todo o programa, “com o intuito de colmatar a grande lacuna que existe na formação nesta esfera”. “Vamos falar dos principais motivos que levam as pessoas a procurar a consulta de Neurologia geral, pela qual

todos os especialistas passam, assim como alguns internos, dependendo da instituição onde estão a realizar a sua formação”, começa por explicar. Ao que acrescenta: “Nas reuniões, e na própria formação, acabamos por falar muito especificamente de cada subespecialidade, descurando um pouco a generalidade dos doentes neurológicos”.

Neste *workshop*, serão focadas temáticas como a síncope, as tonturas e a síndrome vertiginosa, as alterações da memória, a alteração da marcha e as quedas, a cervicálgia e lombálgia, as parestesias, a mão e pé pendentes e os sintomas urogenitais.

Além dos conteúdos científicos, o NeuroCampus proporcionará momentos mais lúdicos e de convívio entre pares. Nesse sentido, no final do primeiro dia, haverá uma sessão dedicada à ligação entre a Neurologia e a Música, seguida de um momento musical.

UPDATE EM NEURO-ONCOLOGIA

O segundo dia será dedicado à neuro-oncologia, o outro grande tema do evento. A Dr.ª Catarina Fernandes, interna de Neurologia no CHUC e membro do Departamento Cultural da CIREN, revela que “esta é uma subespecialidade com a qual a maior parte dos internos não tem qualquer tipo de contacto”. “Optámos por abordar temas mais gerais, para que todos possam ser introduzidos nesta área”, justifica.

TÓPICOS EM DESTAQUE



Outpatient clinic

- Síndrome de síncope, tonturas e síndrome vertiginosa
- Alterações da memória
- Alteração da marcha e quedas
- Cervicálgia e lombálgia
- Mão e pé pendentes
- Sintomas urogenitais



Neuro-oncologia

- Síndromes paraneoplásicas
- Glioma
- Metástases no sistema nervoso central
- Neurotoxicidade dos tratamentos oncológicos



As Dr.ª Inês Cunha e Catarina Fernandes partilham mais pormenores sobre o programa da terceira edição do NeuroCampus, apelando à participação no evento



Alguns dos intervenientes na reunião (da esq. para a dta.): À frente – Dr.ª Marisa Lima, Prof.ª Isabel Santana, Prof.ª Manuela Guerreiro, Prof.ª Luísa Alves, Prof. Rui Araújo e Dr. João Durães. Atrás – Dr. Miguel Táguas Pereira, Dr. João Massano, Prof. Alexandre de Mendonça, Prof. Joaquim Cerejeira e Prof.ª Ana Rita Silva

Highlights da 36.ª Reunião do GEECD

Com "casa cheia" no regresso aos eventos presenciais, a 36.ª Reunião do Grupo de Estudos de Envelhecimento Cerebral e Demência (GEECD) decorreu nos dias 1 e 2 de julho passado, em Coimbra. As novidades e os desafios no diagnóstico da doença de Alzheimer (DA), a importância da aposta na investigação fundamental e a abordagem às diversas psicopatologias foram os temas em destaque no evento.

O programa da reunião incidiu nas principais áreas das doenças neurodegenerativas. "Sabemos que o defeito cognitivo é cada vez mais prevalente, pelo que, nesta reunião, tivemos como oradores não só neurologistas, mas também neuropsicólogos, psiquiatras, terapeutas e fisioterapeutas. É muito importante esta interdisciplinaridade para discutirmos problemas que são comuns a todo o país", realça a Prof.ª Luísa Alves, tesoureira do GEECD e neurologista no Centro Hospitalar de Lisboa Ocidental/Hospital de Egas Moniz.

A primeira sessão foi dedicada à prevenção da deterioração cognitiva, abordando os fatores de risco vascular, as alterações retinianas e a patologia auditiva. "Os últimos estudos mostram que conseguimos prevenir ou atrasar o início de 40% dos casos de demência a nível mundial", contextualiza Luísa Alves, defendendo a necessidade de uma estratégia nacional para enfrentar estes problemas precocemente.

Destacando os enormes avanços no diagnóstico da DA, nomeadamente através do recurso a biomarcadores, o Prof. Alexandre de Mendonça alertou, na sua preleção, para os diversos desafios que se colocam com o avanço científico. "Devemos utilizar vários biomarcadores sempre que possível, porque conferem um grau mais elevado de certeza diagnóstica", afirmou o neurologista, investigador

e professor na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.

Além da "dificuldade em estabelecer um prognóstico individualizado para cada doente", o especialista referiu que "não existem biomarcadores tão úteis quanto os da DA para outras patologias neurodegenerativas", o que pode levar a confusões no diagnóstico. Nesse sentido, "não é de descurar o seguimento de doentes com biomarcadores negativos, uma vez que pode estar em causa outra doença neurodegenerativa numa fase inicial".

Na mesa-redonda sobre projetos de investigação em curso houve quatro intervenções, duas centradas na componente clínica e duas na investigação básica. Assim, foi apresentado um projeto sobre treino cognitivo e estimulação psicossocial e outro sobre suspensão da administração de fármacos antidemência em fase avançada da doença e feita uma análise de custo-benefício. "São doenças com elevado 'peso' não só para o doente, mas também para a família e para a sociedade. Estes projetos pretendem dar resposta aos problemas socioeconómicos associados a estas doenças", destaca a **Prof.ª Catarina Resende de Oliveira**, moderadora da sessão.



Pedro Bastos Reis

Sobre os restantes trabalhos, a moderadora vinca o papel da autofagia. "Trata-se de um mecanismo que pretende remover o 'lixo' metabólico e os organelos celulares danificados, sendo que, a partir de certo limiar, a função inicialmente benéfica desse mecanismo é capaz de comprometer e prejudicar o normal funcionamento celular, levando a dis-

funções metabólicas, celulares e à doença em si", explica neurologista e ex-coordenadora da Unidade de Inovação e Desenvolvimento do Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra (CHUC).

Do segundo dia da reunião, é de salientar a sessão plenária sobre Psiquiatria e psicopatologia, moderada pelo Prof. Joaquim Cerejeira. "A Psiquiatria lida com quadros clínicos que não são estritamente cognitivos e com diversas psicopatologias, nomeadamente as psicoses tardias, cujo diagnóstico é mais difícil", sublinha o psiquiatra no CHUC e professor de Psiquiatria na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra.

Outro tema discutido nesta sessão foi a importância de atuar precocemente nos sintomas comportamentais e psicológicos da demência. "É cada vez mais importante abordar esta questão, porque são sintomas que comprometem seriamente a qualidade de vida dos doentes e das famílias e não temos grandes respostas, quer para perceber a fisiopatologia dessas alterações do comportamento quer recursos terapêuticos para controlar esses quadros clínicos", remata Joaquim Cerejeira.

O problema da doença de Alzheimer

Na conferência Professor Carlos Garcia, o Prof. Jason Karlawish, docente na Universidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos da América (EUA), e autor do livro *The Problem of Alzheimer's* (sem edição em português), alertou que "a DA não é só um problema científico, mas também político e cultural". Apesar das diferenças entre os EUA e os países europeus, Jason Karlawish defendeu que existem pontos em comum para enfrentar esta patologia. "É necessário um plano uniformizado para lidar com a DA e debater o papel do Estado em providenciar cuidados assistenciais de longo prazo", exemplificou. "Claro que precisamos de novas terapêuticas, mas isso, por si só, não vai resolver o problema", concretizou o preletor. A DA "tornou-se numa crise, sobretudo devido a questões políticas e à inação perante problemas que estavam à vista, nomeadamente o apoio aos doentes, às famílias e aos cuidadores".

O Prof. Jason Karlawish participou por videoconferência, com a moderação do Dr. Miguel Táguas Pereira (no púlpito)



Excertos em vídeo das entrevistas com alguns dos participantes na 36.ª Reunião do GEECD



PUBLICIDADE



Participação portuguesa no 8.º Congresso da EAN

Vários neurologistas portugueses, internos e especialistas, participaram ativamente no 8.º Congresso da European Academy of Neurology (EAN), que ocorreu entre os dias 25 e 28 de junho passado, em Viena. As intervenções traduziram-se na moderação e apresentação de pósteres, na organização de cursos e em preleções das mais variadas temáticas, desde as cefaleias à discussão em torno da saúde cerebral. Um dos momentos mais importantes foi a entrega ao Prof. Joaquim Ferreira do Prémio David Marsden.

Marta Carreiro

Logo no primeiro dia do evento, a **Prof.ª Raquel Gil-Gouveia**, presidente da Sociedade Portuguesa de Cefaleias, moderou uma sessão de pósteres, da qual destaca um trabalho turco sobre o impacto da segunda vaga de confinamento nos jovens com enxaqueca. Segundo a diretora do Serviço de Neurologia do Hospital da Luz Lisboa, "apesar de os resultados não serem surpreendentes, são importantes para melhor gerir esta patologia".



Saúde cerebral e diversidade em Neurologia

Já no dia 27 de junho, a Dr.ª Vanessa Carvalho, neurologista no Centro Hospitalar Universitário Lisboa Norte/Hospital de Santa Maria, participou numa sessão conjunta da EAN com a World Federation of Neurology, procurando mostrar a perspetiva de uma jovem neurologista sobre a saúde cerebral. "As novas recomendações da European Union of Medical Specialists, que estabelecem os requisitos do internato de Neurologia, incluem também a promoção da saúde, contemplando não só a prevenção secundária de doença, mas também a primária. Também se evidencia um foco muito maior na reabilitação e na saúde pública, que está associada à promoção da saúde cerebral", explica a preleitora.

Não existindo ainda uma definição universal de saúde cerebral, a *past chair* da Resident and Research Fellow Section da EAN apresentou vários dados que demonstram que tanto os neurologistas como a população em geral devem refletir mais sobre este assunto, devido ao seu impacto.

Vanessa Carvalho voltou a intervir no dia 28 de junho, numa sessão conjunta da EAN com o Women's Brain Project, desta vez para falar sobre género e diversidade em Neurologia. Na sua apresentação, a neurologista abordou "o atual estado da educação sobre o impacto do género e da diversidade ao nível europeu e o que pode ser feito para a melhorar", mostrando como é possível incluir sexo e género no currículo médico e no ensino pós-graduado.



Intervenientes na sessão sobre diversidade e género em Neurologia (da esq. para a dta.): Prof.ª Maria Teresa Ferretti, Dr.ª Julie Martinkova, Prof.ª Elena Moro (moderadora) e Dr.ª Vanessa Carvalho



Prof.ª Elsa Azevedo a executar um eco-Doppler transcraniano ao Dr. Daniel Ferreira, interno de Neurologia no CHUSJ, que colaborou como modelo para o procedimento

Hands-on course

Por sua vez, a Prof.ª Elsa Azevedo esteve envolvida na organização do curso *hands-on* de ultrassonografia, que ocorreu no dia 27 de junho. "O curso teve uma componente inicial teórica, depois complementada com uma parte prática", contextualiza a vice-presidente da Sociedade Portuguesa de Neurosonologia. Na vertente teórica, foram abordados aspetos relacionados com a execução da técnica e algumas noções anatómicas necessárias para o fazer, assim como a demonstração da sua utilidade na prática clínica diária.

Segundo a também diretora do Serviço de Neurologia do Centro Hospitalar Universitário de São João (CHUSJ), no Porto, o curso dividiu-se em três partes: uma dirigida ao estudo a nível cervical das artérias carótidas e vertebrais, outra com o eco-Doppler transcraniano para avaliação das artérias da base do crânio e, por fim, uma parte específica relacionada com a abordagem do olho e através da janela orbitária. "Quisemos mostrar como é que a ultrassonografia pode ser aplicada numa perspetiva de neuro-POCUS (*point of care ultrasound*). Trata-se de uma ferramenta muito útil para o clínico ter à mão e não depender de exames que são mais demorados e que implicam deslocação do doente", conclui a representante da Sociedade Portuguesa de Neurologia no painel científico de neurosonologia da EAN, do qual é *co-chair*.

Neurologista português distinguido com Prémio David Marsden

No dia 25 de junho, o **Prof. Joaquim Ferreira** recebeu o **Prémio David Marsden**, uma das mais importantes distinções na área das doenças do movimento. Atribuído pela secção europeia da International Parkinson and Movement Disorders Society (IPMDS), da qual já foi presidente, o prémio "é o reconhecimento da IPMDS em relação aos seus membros que desempenharam um papel mais relevante a nível científico ou na comunidade no âmbito das doenças do movimento".



Na palestra que proferiu, o professor na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa e diretor clínico do Campus Neurológico, em Torres Vedras, abordou a forma como os ensaios clínicos, "para além de gerarem dados sobre a eficácia e a segurança dos medicamentos, têm ensinado a comunidade neurológica sobre a própria doença de Parkinson", apresentando dados da sua investigação a este respeito. "Os ensaios clínicos obrigam-nos a uma sistematização do pensamento e da abordagem clínica, desempenhando um importante papel na formação médica, mas também no ganho de conhecimento sobre como as doenças ocorrem e se manifestam, entre muitos outros aspetos", salienta Joaquim Ferreira.

SPC cria novo evento para celebrar o seu 25.º aniversário



Oradores e moderadores dos Headache Teasers (da esq. para a dta.): À frente – Dr. Renato Oliveira, Dr.ª Catarina Fernandes, Prof.ª Isabel Pavão Martins, Prof. Massimiliano Valeriani, Dr.ª Elsa Parreira, Prof.ª Antoinette Maassen van den Brink, Prof.ª Raquel Gil-Gouveia, Prof.ª Patrícia Pozo-Rosich, Dr. Edoardo Caronna e Dr. Filipe Palavra. **Atrás** – Dr. Nicolas Vandebussche, Prof. Koen Paemeleire, Dr.ª Laura Papetti e Dr.ª Tessa de Vries

A Reunião de Primavera da Sociedade 2022 Portuguesa de Cefaleias (SPC) decorreu no dia 27 de maio, em Lisboa, e ficou marcada pela apresentação de casos clínicos e comunicações orais. No dia seguinte, para assinalar os 25 anos da SPC, realizou-se a primeira edição dos *Headache Teasers*, um formato de debate inovador com três temas controversos e a participação de convidados estrangeiros.

Pedro Bastos Reis

De acordo com a Prof.ª Raquel Gil-Gouveia, presidente da SPC e diretora do Serviço de Neurologia do Hospital da Luz Lisboa, o primeiro dia decorreu “nos moldes habituais, com apresentações de trabalhos e ensaios clínicos dos vários grupos que desenvolvem investigação nesta área”. Um dos momentos altos foi a conferência Prof. Pereira Monteiro, proferida pelo Dr. Carlos Andrade, que discorreu sobre o papel dos neuropéptidos nas cefaleias primárias. Para a **Prof.ª Carolina Lemos**, moderadora da conferência, este é um dos *hot topics* atuais na área das cefaleias.

“O papel dos neuropéptidos, sobretudo do peptídeo relacionado com o gene da calcitonina [CGRP, na sigla em inglês], é uma das prioridades em termos de alvos terapêuticos nas cefaleias, particularmente na enxaqueca”, salienta a



professora auxiliar no Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar e investigadora no i3S, ambos no Porto. Segundo a também tesoureira da SPC, Carlos Andrade “demonstrou a eficácia dos tratamentos que interferem com os neuropéptidos, no entanto, há doentes que não respondem a estas terapêuticas, o que pode estar relacionado com fatores genéticos, daí a importância de a investigação e a clínica continuarem de mãos dadas”.

Terapêutica profilática na criança

Já no segundo dia, realizaram-se os *Headache Teasers*, um evento especial, com convidados internacionais de renome. “Introduzimos um formato de debate parlamentar, diferente do modelo tradicional das sociedades científicas, com discussão entre equipas”, contextualiza Raquel Gil-Gouveia.

À Dr.ª Catarina Fernandes e ao Dr. Filipe Palavra coube o desafio de defender que a terapêutica profilática na criança é inútil, indo contra a maioria da evidência científica. Nesse sentido, a dupla sustentou-se

no ensaio clínico *Coalition for Headache and Migraine Patients*

(CHAMP)¹, que comparou a utilização da amitriptilina com topiramato e placebo. “Em termos de eficácia, a conclusão desse estudo é que os resultados obtidos com placebo são exatamente iguais aos da amitriptilina e do topiramato, sendo que os efeitos adversos encontrados com estes últimos são, naturalmente, muito superiores aos do placebo”, explica Filipe Palavra, neuropediatra no Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra e secretário-geral da Sociedade Portuguesa de Neurologia.

As “falhas” deste estudo foram elencadas pela dupla constituída pela Dr.ª Laura Papetti e pelo Prof. Massimiliano Valeriani, ambos do Hospital Pediátrico Bambino Gesù, em Roma. “As doses de amitriptilina e de topiramato usadas no ensaio clínico CHAMP¹ são superiores às que utilizamos habitualmente e isso pode explicar a elevada taxa de efeitos secundários”, começou por dizer Massimiliano Valeriani. Ao que acrescentou: “Além disso, o estudo não tem em conta a sazonalidade da enxaqueca em idade pediátrica, que é mais frequente em período escolar, devido ao stress e aos aspetos emocionais que não existem de forma tão vincada nas férias de verão.” Em suma, o especialista considera que “não existem motivos suficientemente fortes para abandonar os fármacos clássicos ou mesmo para considerar que são inúteis neste contexto”.

Continua ▶

Lilly



A Prof.^a Isabel Pavão Martins, o Dr. Renato Oliveira, o Dr. Nicolas Vandebussche e o Prof. Koen Paemeleire discutiram se é possível ou não curar a enxaqueca

Enxaqueca como consequência da evolução humana?

Já no que diz respeito ao debate em torno da possibilidade de a enxaqueca ser consequência da evolução humana, o consenso não foi tão grande. “Embora tal seja possível, não há evidência científica suficientemente forte para concluirmos que a enxaqueca decorre de

uma evolução da espécie humana”, realçou a Prof.^a Antoinette Maassen van den Brink, defendendo que, apesar de ser um tópico de estudo e discussão interessante, “o foco deve estar em estudar melhor esta patologia”. “Essa deve ser a nossa primeira prioridade”, venceu. Durante a apresentação, a docente e investigadora no Centro Médico Universitário Erasmus, nos Países Baixos, teve a seu lado a Dr.^a Tessa de Vries, da mesma instituição, que contrapôs o argumento evolutivo com a diminuição dos casos de enxaqueca durante o confinamento na pandemia de COVID-19. “É o ambiente, com fatores como o ruído ou o stress, que pode levar à enxaqueca, e não propriamente as consequências da evolução humana”, argumentou.

Por seu turno, a Prof.^a Patricia Pozo-Rosich e o Dr. Edoardo Caronna, do Hospital Universitário Vall d’ Hebron, em Barcelona, defenderam que a enxaqueca pode ser consequência das mutações que a espécie humana sofreu para sobreviver, vincando ainda o papel da genética na adaptação, por exemplo, às condições climáticas. Nesse sentido, Tessa de Vries serviu-se de vários estudos pré-clínicos demonstrativos de que “o canal TRPM8 poderá não estar assim tão envolvido na enxaqueca”, existindo outras explicações, como a falta de vitamina D, para o facto de as pessoas que vivem nos países nórdicos terem maior prevalência de enxaqueca.

Para Raquel Gil-Gouveia, o balanço do evento é extremamente positivo, tendo os debates demonstrado a importância da ligação entre a clínica e a ciência básica. “A SPC necessita de fomentar as atividades pré-clínicas e a investigação laboratorial. Por isso, na próxima reunião, esperamos ter uma presença ainda mais vincada das ciências básicas”, rematou a presidente, congratulando-se pelo “sucesso da reunião inovadora”, que permitiu assinalar os 25 anos da SPC.

Referência: 1. Powers SW, et al. N Engl J Med. 2017;376(2):115-124.



Rescaldo em vídeo com entrevistas a alguns dos intervenientes na Reunião de Primavera da SPC e nos Headache Teasers

200 anos da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa



Sessão de encerramento da cerimónia de celebração do 200.º aniversário da SCMED: Prof. Nuno Neuparth, Prof.^a Maria do Céu Machado, Prof. Fausto Pinto, Dr. Daniel Ferro e Prof. Marcelo Rebelo de Sousa

A Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa (SCMED) celebrou os seus 200 anos de existência numa cerimónia que decorreu no dia 29 de junho passado, na Aula Magna da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa. O evento contou com a intervenção de diversas personalidades, nomeadamente o Presidente da República, Prof. Marcelo Rebelo de Sousa, que condecorou a entidade “pioneira no domínio da saúde em Portugal” com o grau de membro honorário da Ordem Militar de Cristo, e o presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Carlos Moedas. Fundada em 1822 por médicos, cirurgiões e farmacêuticos que tinham o objetivo de modernizar a Medicina portuguesa, a SCMED teve, nas palavras da atual presidente, Prof.^a Maria do Céu

Machado, uma “enorme importância ao longo dos séculos XIX e XX”. “A sua missão mantém-se atual na promoção de conhecimentos, educação médica, definição de estratégias em saúde e consultoria aos poderes públicos”, frisou a presidente da SCMED. Durante a cerimónia, Maria do Céu Machado chamou a atenção para a importância de preservar o espólio da organização e fixar uma sede, defendendo ainda o alargamento do Museu da Saúde. “Precisamos também de uma biblioteca, porque temos mais de 2000 livros dos séculos XVI, XVII e XVIII, entre os quais um exemplar do livro *O Colóquio dos Simples*, sobre drogas e medicamentos com origem na Índia, publicado por Garcia da Orta em 1563, com prefácio de Luís de Camões em verso”, exemplificou a presidente.

A cerimónia ficou ainda marcada pelas conferências do Prof. Carlos Fiolhais, sobre os 200 anos da SCMED, e do Prof. Manuel Sobrinho Simões, sobre o lugar da Medicina passados dois séculos. Outros momentos altos foram o anúncio de uma nova vida digital para o jornal da SCMED e uma apresentação em vídeo da sua história e património. “Os maiores nomes da Medicina portuguesa passaram pela direção da SCMED”, realçou o Prof. Vítor Oliveira, também interveniente na cerimónia.

Na sua preleção, o neurologista apresentou uma perspetiva histórica da SCMED, enaltecendo o seu papel na criação de outras sociedades médicas, como a Sociedade Portuguesa de Neurologia (SPN). “As sociedades médicas mais antigas saíram da SCMED, que foi uma ‘maternidade’ das sociedades das especialidades que hoje conhecemos, nomeadamente a Neurologia, que só nos anos de 1980 se autonomizou”, recordou o membro da direção e bibliotecário da SCMED, que também é presidente da Assembleia-Geral da SPN. Pedro Bastos Reis




Highlights da cerimónia do 200.º aniversário da SCMED

Há 25 Anos a tratar epilepsia refratária

Menos crises.¹

Crises mais curtas.²

Recuperação mais rápida.^{2,3}



O Finn é um doente
real tratado com VNS
Therapy

Porquê esperar?

www.vnsththerapy.co.uk

Epilepsia (Non-US) — O sistema VNS Therapy está indicado para utilização como terapia auxiliar na redução da frequência de crises em doentes cuja doença epilética seja dominada por crises parciais (com ou sem generalização secundária) ou crises generalizadas que são refratárias aos medicamentos antiepiléticos. Os dispositivos AspireSR® e SenTiva™ integram o modo de estimulação automática que se destina a ser utilizado por doentes que sofram crises associadas a um aumento da frequência cardíaca designada por taquicardia ictal. Os eventos adversos mais comumente reportados foram alteração da voz, tosse, irritação na garganta e dispneia.

Para informações adicionais visite <http://www.vnsththerapy.co.uk>

LIVANOVA BELGIUM NV
Ikaroslaan 83
1930 Zaventem
Belgium
Tel.: +32 2 720 95 93
Fax: +32 2 720 60 53

Referências:

1. Kawai K et al. Epileptic Disord. 2017; 19(3):1-12.
2. Orosz I et al. Epilepsia. 2014 Oct; 55(10):1576-1584.
3. Data on File, LivaNova, Houston, TX.

As angiografias de Egas Moniz e Reynaldo dos Santos



Medalha comemorativa da exposição itinerante internacional *Pioneiros da Angiografia* (1982), que homenageou as inovações desenvolvidas pelos médicos portugueses Egas Moniz e Reynaldo dos Santos.

Os trabalhos inovadores de Egas Moniz, ao descobrir um método de injectar um produto radio-opaco na circulação cerebral, abriram um novo e vasto campo de investigação da circulação em outras áreas da Medicina. Sucederam-se trabalhos pioneiros em diversos territórios. Na circulação coronária com Eduardo Coelho, cardiologista da Faculdade de Medicina de Lisboa, que, por pouco, não descobriu a coronariografia; na circulação pulmonar com Lopo de Carvalho, também da Faculdade de Medicina de Lisboa; e a linfangiografia com Hernâni Monteiro, professor de Anatomia da Universidade do Porto.

No entanto, o método com mais vasta aplicação clínica depois da angiografia cerebral foi desenvolvido por Reynaldo dos Santos, cirurgião e professor da Faculdade de Medi-

cina de Lisboa: a angiografia dos membros e, sobretudo, a aortografia. Logo em 1931, no mesmo ano e pela mesma editora (Masson e Cia) do livro príncipes de Egas Moniz sobre a angiografia cerebral aplicada ao diagnóstico de tumores cerebrais, **Reynaldo dos Santos, Augusto Lamas (cirurgião) e Pereira Caldas (radiologista) publicaram o livro *Artériographie des Membres et de L'Aorte Abdominale*.**

Note-se que Egas Moniz, nesse seu livro, bem como no seguinte, dedicado ao estudo da circulação cerebral, optou por se apresentar sem qualquer co-autoria, embora Pereira Caldas tivesse inventando o radio-carrossel que permitiu a impressão rápida e sequencial das chapas angiográficas e Almeida Lima fosse o principal executante das angiografias.

O livro de Reynaldo dos Santos e co-autores foi prefaciado por René Leriche (1879-1955), o famoso cirurgião de Strasbourg que deixou o seu nome ligado à patologia aorto-iliaca e que treinou cirurgiões vasculares como Michael DeBakey, além do próprio Reynaldo dos Santos.

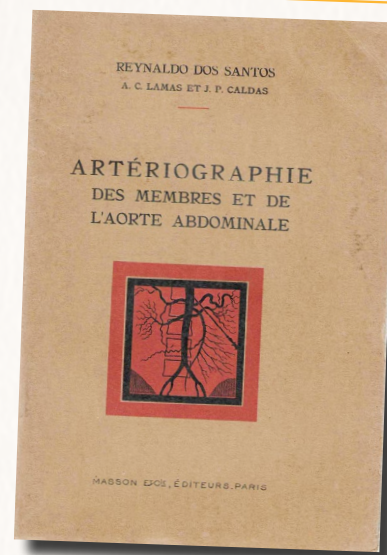
No prefácio, René Leriche afirmou: "O meu amigo Reynaldo dos Santos pede-me que o apresente aos leitores. É uma grande honra que me concede e que agradeço. Mas será necessário apresentar tal obra? Ela recomenda-se a si própria. Sem dúvida que o princípio técnico que ele expõe pode assustar à primeira vista: punccionar a aorta, punccionar os grandes vasos. Qual o perigo? Que catástrofes antecipadas e para que resultados!"

Resposta às vozes críticas

De facto, também em relação à aortografia de Reynaldo dos Santos surgiram sérias reservas sobre os riscos do procedimento, tal como, pouco antes, tinham surgido em relação à angiografia cerebral de Egas Moniz. Por isso, Reynaldo dos Santos antecipou-se, na introdução do livro, às mais que prováveis vozes críticas:

"Pode-se dizer serem os trabalhos iniciais de Egas Moniz (de Lisboa), sobre a encefalografia dos tumores cerebrais (1927), depois os nossos, sobre a arteriografia da patologia dos membros (janeiro de 1929) e do abdómen, a aortografia (março de 1929), que abriram ao método de Sicard os horizontes de uma semiologia nova, baseada em modalidades circulatórias das diferentes lesões patológicas.

Um método não se julga pelas insuficiências das respostas às indicações mal colocadas; julga-se pelo valor que nos oferece e pelo emprego que nós podemos fazer dos seus ensinamentos. Finalmente, será de facto pouco científico contestar, a priori, a legitimidade destas pesquisas,



sob o pretexto dos perigos ou crenças, que se justificam mais pelos pré-julgamentos resultantes da inexperiência do que pelos factos aqui observados."

Seguidamente, Reynaldo dos Santos enunciava as indicações das suas técnicas:

"A) Estudamos, em mais de 300 exames, a patologia dos membros, as lesões arteriais, elas próprias, as asfíxias, gangrenas, aneurismas, ligaduras, paralisias de Volkmann e também a estrutura vascular da osteomielite, da osteoartrite, da tuberculose, da sífilis óssea e, finalmente, os tumores dos ossos e partes moles.

B) A segunda parte é consagrada à aortografia, um capítulo absolutamente novo da patologia e da semiologia abdominais, onde não só estudamos as lesões da aorta e das ilíacas, mas sobretudo os aspectos circulatórios da patologia visceral do fígado, baço, rins, intestino e aparelho genital feminino, assim como os tumores abdominais em geral."

Método da aortografia de Reynaldo dos Santos

Na aortografia de Reynaldo dos Santos utilizava-se um aparelho desenvolvido pelo próprio e construído na reconhecida empresa de instrumentos médicos Maison Gentile, em Paris, onde também foram construídos os instrumentos utilizados na angiografia cerebral.

O aparelho era constituído por um reservatório metálico na sua base, onde o ar era introduzido, conservado sob pressão e monitorizado por um manómetro (no topo), que comunicava com um tubo graduado em vidro. Aí, a solução de contraste – iodeto de sódio (Abrodil) – era misturada com o ar e seguia



Aparelhos injectores de contraste utilizados na aortografia de Reynaldo dos Santos. À esquerda, a versão primitiva; abaixo, a versão mais moderna, cujo exemplar está patente no Museu da Universidade de Lisboa, sala da Faculdade de Medicina.

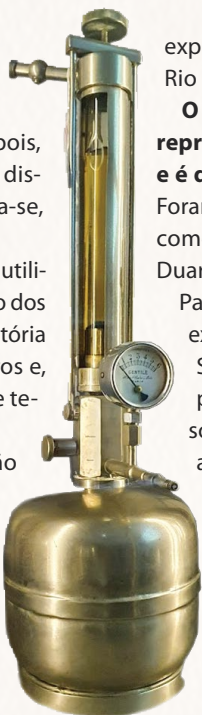
(1932); sócio honorário da Sociedade Nacional de Belas-Artes e presidente da Academia das Ciências. O cirurgião nasceu em Vila Franca de Xira, em 1880, e faleceu em Lisboa, em 1970. ☀

Texto da autoria do Prof. Vítor Oliveira, neurologista e regente da cadeira de História da Medicina na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.

por um tubo de borracha, que terminava na agulha de punção aórtica. A punção era realizada em D12 ou L1. Seguiu-se a injeção rápida e, depois, a exposição aos raios-X. Para evitar a dispersão rápida do contraste, garrotava-se, proximalmente, ambas as coxas.

O método veio a ter rápida e extensa utilização internacional, tornando Reynaldo dos Santos uma figura incontornável na história da angiografia da aorta e dos membros e, consequentemente, da investigação e terapêutica destas áreas.

Em 1982/83 decorreu uma exposição internacional, itinerante por diferentes cidades, celebrando os trabalhos pioneiros na angiografia de Egas Moniz e Reynaldo dos Santos. A iniciativa foi da Sociedade Portuguesa de Radiologia e Medicina Nuclear e esteve



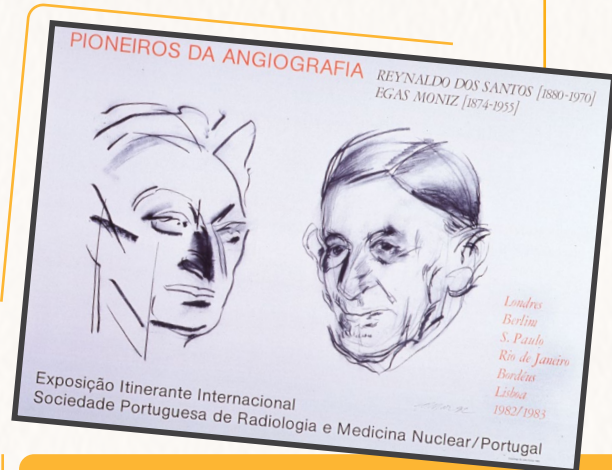
exposta em Londres, Berlim, São Paulo, Rio de Janeiro, Bordéus e Lisboa.

O cartaz da exposição internacional representava os dois homenageados e é da autoria do pintor Júlio Pomar.

Foram também cunhadas 400 medalhas comemorativas, da autoria de António Duarte (ver no início da página ao lado).

Para terminar, é de salientar a extraordinária figura de Reynaldo dos Santos, que, para além de cirurgião e professor, foi um homem de cultura, sobretudo artística, crítico de arte e autor de várias obras, entre as quais se salienta a monumental *Oito Séculos de Arte Portuguesa*.

Reynaldo dos Santos foi também fundador da Academia Nacional de Belas-Artes (1924) e da Academia Portuguesa de História



Cartaz da exposição itinerante *Pioneiros da Angiografia* (1982/83). Está patente um exemplar no Museu Egas Moniz da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.

PUBLICIDADE

 **Pfizer**



Propensão para deixar o mundo um pouco melhor

A conversa com a Dr.ª Joana Lopes decorreu na Biblioteca Municipal de Aveiro, cidade que a neurologista considera como “a melhor do mundo”

Durante 13 anos, foi escuteira, caminho que a levou a abraçar o voluntariado em vários projetos. Desde outubro de 2017, é a mais jovem deputada na Assembleia Municipal de Aveiro, função que encara como forma de melhorar a vida dos cidadãos. Em entrevista ao *Correio SPN*, a Dr.ª Joana Lopes, 31 anos, neurologista no Centro Hospitalar do Baixo Vouga/Hospital Infante D. Pedro (CHBV/HIDP), fala sobre o seu percurso profissional e os projetos de voluntariado em que tem estado envolvida, nomeadamente a gravação de audiolivros para invisuais.

Pedro Bastos Reis

E

pecialista em Neurologia desde abril de 2021, a Dr.ª Joana Lopes admite que, em criança, nunca lhe passou pela cabeça ser médica, muito menos neurologista. “Durante muitos anos, quis ser cozinheira. Depois, pensei em enveredar por Direito, para seguir a área da magistratura. Felizmente, no ensino secundário, a psicóloga de orientação vocacional da escola que frequentei apresentou-me outra vertente da Medicina”, recorda a neurologista, que encontra nas palavras de Robert Baden-Powell, fundador do escutismo, o seu lema de vida: “Procurai deixar o mundo um pouco melhor do que o encontrastes.” Hoje em dia, a jovem sente-se realizada por ter seguido o conselho daquela psicóloga, escolhendo uma profissão que também lhe permite “ajudar os outros”.

Depois da licenciatura na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, Joana Lopes passou o ano comum no Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia/Espinho, em 2015, tendo ingressado, no ano seguinte, no internato de Neurologia no Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra (CHUC). “Esta é uma especialidade misteriosa. A avaliação do sistema nervoso é peculiar, demorada e muito centrada no detalhe.

O neurologista tem de ser, por natureza, uma pessoa curiosa para ir atrás da história do doente, o que requer uma interação especial e cuidada”, afirma, para justificar a sua decisão.

Depois de realizar o exame da especialidade, chegou o momento de voltar à cidade-natal. Em setembro de 2021, Joana Lopes integrou o Serviço de Neurologia do CHBV/HIDP, em Aveiro, sendo, atualmente, responsável pela consulta de cefaleias, uma patologia que conhece bem. “O facto de também sofrer do problema ajuda a criar empatia com os doentes. Além disso, apesar de as terapêuticas preventivas das cefaleias crónicas não serem perfeitas, conseguem alcançar benefícios numa parte significativa dos doentes. Enquanto médica, dá-me grande satisfação conseguir ajudar os doentes”, afiança.

Do escutismo ao voluntariado

A vontade de ajudar os outros, garante Joana Lopes, é algo que a acompanha “desde pequena”. Tal deve-se, em grande parte, ao facto de, aos 9 anos, ter entrado para o Corpo Nacional de Escutas, que integrou até completar 22 anos. “Além de aprender a desenrascar-me em situações do dia-a-dia, como cozinhar ou melhorar o sentido de orientação, participava ativamente em muitas

atividades de voluntariado.” A neurologista destaca as campanhas do Banco Alimentar Contra a Fome, ao abrigo das quais recolhia e distribuía alimentos, os peditórios para a Liga Portuguesa Contra o Cancro e as visitas a lares de idosos ou a pessoas mais necessitadas de companhia.

Quando entrou na faculdade, Joana Lopes manteve-se ativa no voluntariado, começando a participar no grupo de ação social da Associação Académica da Universidade de Coimbra. Durante cinco anos, dedicou várias horas por semana a ajudar crianças no Colégio de São Caetano, que pertence à Santa Casa da Misericórdia. “Ajudava as crianças e jovens em situação de perigo e exclusão social, muitas delas vítimas de maus-tratos e com necessidade de ensino especial, a fazer os trabalhos de casa ou a preparar os testes, por exemplo”, sintetiza.

Essa experiência trouxe-lhe vários ensinamentos, desde logo o de nunca desistir perante as adversidades. “As crianças ficavam institucionalizadas até aos 18 anos e era gratificante sentir que havia esperança para o seu futuro. O meu intuito principal não era propriamente ensinar Matemática ou Português, mas sim transmitir-lhes a possibilidade de uma vida melhor e retive muito dessa experiência para mim”, destaca Joana Lopes.

Ler para quem não vê

Em 2014, quando terminou o curso de Medicina e o voluntariado no Colégio de São Caetano, Joana Lopes mantinha a vontade de continuar a ajudar os outros. Já no ano comum do internato, numa ida à Biblioteca Municipal de Vila Nova de Gaia, conheceu o projeto “Gaia Inclusiva – Serviço de Leitura Especial”, que disponibiliza audiolivros para pessoas invisuais. “Achei a iniciativa bastante interessante, porque sempre gostei imenso de ler. Então, participei num casting de gravação de audiolivros e fui selecionada. Depois, num pequeno estúdio da biblioteca, gravava a leitura dos livros, em várias faixas, que posteriormente eram editados e distribuídos a nível nacional”, conta a neurologista.

Com o fim do ano comum do internato médico e o regresso a Coimbra, Joana Lopes teve de interromper a colaboração com a Biblioteca Municipal de Vila Nova de Gaia. No entanto, no final de 2020, em plena pandemia de COVID-19, voltou a ler para cegos. “A Dr.ª Susana Vale, responsável pelo projeto, contactou-me para saber se eu estaria disponível para colaborar à distância, porque a biblioteca estava fechada devido à situação pandémica e havia poucos voluntários para gravar a partir de casa”, partilha. Um convite que a neurologista aceitou prontamente, mantendo a colaboração até aos dias de hoje.

Joana Lopes já perdeu a conta aos audiolivros que gravou, em sua casa, nos últimos dois anos, entre os quais romances e contos de autores portugueses como Eça de Queiroz, Camilo Castelo Branco ou Júlio Dinis. A escolha dos livros parte sempre da direção do projeto e os audiolivros são destinados a todas as idades.

Atualmente, a neurologista está a gravar a leitura de livros da série *Uma Aventura*, de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, o que lhe dá um gosto particular, já que a sua paixão pelos livros começou em criança, exatamente com estes clássicos da literatura infantojuvenil. “Nunca conheci as autoras, mas, para mim, continuam a ser referências na literatura, com uma imaginação inigualável e infundável”, garante Joana Lopes, que, atualmente, dedica uma a duas horas por semana ao voluntariado.

Questionada sobre a maior realização que retira deste projeto, a neurologista não hesita: “Saber que quem não consegue ler tem acesso aos livros. Num dia stressante, tranquiliza-me imenso ler, nem que seja meia dúzia de páginas. Com a gravação de audiolivros, consigo partilhar o prazer da leitura com quem não consegue ler.”

Na Assembleia Municipal para melhorar Aveiro

O chamamento solidário também levou Joana Lopes a aceitar envolver-se na atividade política. Entre 2009 e 2013, fez parte da Assembleia da Freguesia de Aradas e, quatro anos depois, foi eleita para a Assembleia Municipal de Aveiro. Em 2021, avançou para um segundo mandato, que durará até 2025. “Encaro a Política como uma atividade cívica na cidade que adoro. É uma forma de contribuir para melhorar a vida dos cidadãos. Consideram-me muito ‘bairrista’ [risos] e, efetivamente, faço tudo o que posso para melhorar a cidade de Aveiro”, sublinha.

Aos 31 anos, Joana Lopes é a deputada municipal mais jovem da cidade de Aveiro. Portanto, não é de estranhar que dedique grande parte da sua intervenção política à representatividade da juventude. Tendo como objetivo “criar incentivos para que os jovens se interessem e participem mais na atividade política”, a neurologista destaca como projetos em que esteve envolvida a Assembleia Municipal Jovem de Aveiro e a criação do Conselho Consultivo da Juventude.

No entanto, Joana Lopes admite que, no âmbito do seu envolvimento político, também gostaria de contribuir para a ampliação do Centro Hospitalar do Baixo Vouga. “O nosso papel é exercer pressão junto da Tutela, porque não são decisões camarárias. Sendo médica neste centro hospitalar, conheço as limitações existentes e, se puder ser útil nessa luta, ficaria muito satisfeita”, afirma.

Conjugar a atividade de deputada municipal com a de neurologista “tem sido uma oportunidade e um desafio”, mas Joana Lopes garante que não tenciona dedicar-se exclusivamente à Política. “A minha profissão é ser médica e



Apaixonada por livros, Joana Lopes não hesitou quando surgiu a possibilidade de gravar audiolivros para pessoas invisuais. Hoje em dia, a neurologista faz as gravações em sua casa, apenas necessitando de computador e auscultadores, “em faixas de 10 minutos, para que o ouvinte tenha curiosidade de passar para a faixa seguinte”. Dos grandes clássicos da literatura aos livros infantojuvenis, a neurologista encontra sempre prazer nesta atividade, sobretudo agora que está a gravar a leitura dos livros da série *Uma Aventura*, que adora e acompanha desde criança.

não trocaria isso por nada”, assegura a jovem, que também pretende continuar a dedicar-se ao voluntariado. Um dos seus sonhos é recuperar o serviço médico à periferia, “levando a Neurologia às aldeias e regiões mais isoladas”. Até porque, conclui, “não é necessário ir muito longe para fazer bem às pessoas”.



Fragmentos em vídeo da conversa com a Dr.ª Joana Lopes sobre o seu percurso na Neurologia e no voluntariado



Joana Lopes tomou posse para um segundo mandato (2021-2025) enquanto deputada da Assembleia Municipal de Aveiro em outubro de 2021 (fotografia da esquerda). Nos últimos quatro anos, a neurologista tem-se dedicado, sobretudo, a fazer intervenções em defesa da representatividade dos jovens na Política, mas também quer contribuir para que a ampliação do Centro Hospitalar do Baixo Vouga seja uma realidade.

PUBLICIDADE



NOVARTIS



Reimagining Medicine